

Complete a sua
Coleção

fato

e razão



Peça os números que faltam

Livraria do MFC - Tel. (031) 222-5842

Rua Espírito Santo, 1059/1109

30160-031 Belo Horizonte - MG

Viagens interiores

Impõe-se uma mudança no mundo

Valores da família

TV: Liberdade ou permissividade

O Brasil está melhor ou...

fato

e razão

Movimento Familiar Cristão

O papel dos leigos

Namoro: experiência divina

"Tudo sob controle!"

Carta ao povo brasileiro

Mulher: sombra secular

"Repensando o MFC"

Fora do neoliberalismo não há salvação?

Os milagres de Jesus

Partilha: sinal da Nova Terra

Somos todos romeiros

Ecumenismo: cresce a esperança

Recado ao leitor

Esta Coleção de **Fato e Razão** que você se acostumou a ler, caro leitor, pretende estar sendo um instrumento de conscientização e evangelização, a serviço, portanto da humanização.

Você certamente confirmará que o conteúdo de cada novo número editado vai nessa direção.

Sendo assim, se você tem essa mesma preocupação e quer agir para que as pessoas, famílias e sociedade sejam mais humanizados, ajude-nos a atingir cada vez mais leitores.

Cada assinatura de **Fato e Razão** vendida ou oferecida como presente a seus filhos, parentes, afilhados, amigos, alunos, vizinhos ou paroquianos, será uma ação evangelizadora. Uma forma de conscientizar.

Confira a qualidade das matérias selecionadas nesta edição. Veja algumas novidades que a tornam mais leve e atraente. Mande sugestões de outras novidades que você gostaria de encontrar em **Fato e Razão**.

Contamos com a sua colaboração.

Nas páginas deste número você encontra instruções sobre assinaturas e poderá aproveitar a promoção que lhe dará uma assinatura grátis.

Já lhe vamos agradecendo.

H.&S.A..

35

fato e razão

Edição
Movimento Familiar Cirstão

Conselho Diretor Nacional

Luiz Carlos e Rita Martins
José Maurício e Marly Guedes
Antonio e Sebastiana Leão
José Geraldo e M.do Carmo Silva
Valverde e Rosa de Barros
José Newton e Ariadna Ribeiro
Simeão e Hilda Santana
Aldemiro e Aláides Cláudio
Maria Inês Conti Victor
Antonio e Eliane Goulart
Maria Carolina Ragone Martins
Jesuliana Nascimento Ulysses
Helen Nascimento Ulysses

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF
Instituto Brasileiro da Família

Capa

Vitrais da Saint Chapelle, Paris

Distribuição e Correspondência

Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
Tel. (031) 273-8842
30160-922 Belo Horizonte - MG

Sumário

O Brasil está melhor... ou o mundo piorou, 2
Fora do neoliberalismo, não há salvação? 4

Frei Betto

Impõe-se uma mudança no mundo, 7
D. Pedro Casaldáliga

Fazendo do namoro experiência divina, 10
Marcelo Barros

Drogas & drogas, uma droga, 14

TV: liberdade ou permissividade, 18
Munir Cury

"Tudo sob controle", 24

Mario Canelas

Carta ao povo brasileiro, 28

Oãcanracneer, 32

Rubem Alves

Não fique assim tão sério, 36

Mulher: sombra secular à busca do seu
legítimo contorno, 38

Neide e Itamar Bonfatti

O papel dos leigos, 46

Frei Betto

Repensando o MFC no Brasil, no mundo, 49

Helio e Selma Amorim, Mariana Miranda

Partilha, sinal da Nova Terra, 52

Ecumenismo, 58

Jether Ramalho

Viagens interiores, 60

Frei Betto

Valores da família, 62

Helio e Selma Amorim

Apelo em favor de Chiapas, 67

Somos todos romeiros do Pai Eterno, 70

Marcelo Barros

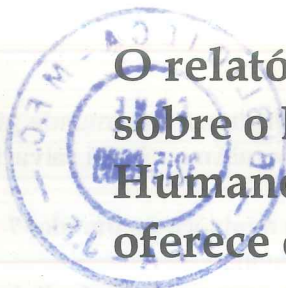
Os milagres de Jesus, 72

Antonio Allgayer

Livros: "A guerra do Desprezo", 75

Celibato opcional dos sacerdotes: por que
tanto medo? 78

A. Machado



O relatório das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Humano publicado neste ano oferece dados que fazem pensar

Brasil está melhor... ou o mundo piorou

Editorial

Os dados publicados agora pelas Nações Unidas são de 1995. Ficamos sabendo que o Brasil passou do 68º para o 62º lugar na corrida por melhor posição em desenvolvimento humano, disputada pelos 174 países analisados. Dentre os 20 países de melhor qualidade de vida, nenhum da América Latina. E neste nosso sacrificado continente, 11 países estão na nossa frente.

O índice que mede o desenvolvimento humano em cada país leva em conta a renda per capita, padrão de vida, expectativa de vida, nível de saúde, educação e saneamento básico, distribuição de renda e outros dados que traduzem a qualidade de vida do povo.

Há 5 anos o 1º lugar é do Canadá, seguido da França, Noruega e Estados

Unidos. Este país é o mais rico do mundo, mas fica com o 4º lugar porque, dentre outras mazelas, não se espantem! - tem quase um quinto da sua população adulta de analfabetos, no que empata com o Brasil...

Os absurdos desequilíbrios

Outras revelações que nem se consegue entender muito bem: as 225 pessoas mais ricas do mundo ganham 1 trilhão de dólares por ano, o mesmo que ganha a metade mais pobre da população do mundo inteiro, coisa de dois e meio bilhões de pessoas! Deu para entender? Leiam de novo. E ainda ficamos sabendo que os europeus gastam por ano, comprando

sorvetes, 11 bilhões de dólares. E com 9 bilhões anuais dava para seinstalar água e esgoto em todas as casas do mundo inteiro. Tem mais: em perfumes, os Estados Unidos mais a Europa, gastam juntos 12 bilhões de dólares por ano, o dobro do que o mundo precisa para assegurar educação básica para todos.

Os Estados Unidos, com apenas 6% da população mundial, consomem quase 40% de tudo o que se produz no mundo.

O que assusta mais é a explosão do consumo, que vai esgotando os recursos naturais do planeta. Nos últimos 20 anos, um terço da superfície arborizada do planeta desapareceu. Em comparação com o ano 1975, as vendas de TVs são hoje cinco vezes maiores na América Latina, e as de automóveis 14 vezes maiores no leste da Ásia.

Por outro lado, aumenta a concentração de renda em todos os

países e o fosso que separa os ricos dos pobres. No Brasil, a metade mais pobre da população que recebia apenas míseros 18% da renda nacional em 1960, agora só consegue menos de 12%. Perdeu um terço da sua renda, enquanto os 10% mais ricos aumentaram o seu bolo gostoso de 54% para 63% de tudo o que se ganha no país. As disparidades internas pioram o quadro: os índices de desenvolvimento humano no Nordeste são a metade dos índices do sudeste do país.

Esse é o retrato da felicidade neoliberal, conduzida pela mágica mão invisível da livre concorrência, da competitividade, do deus mercado e seus demais ídolos.

Enquanto isso, vamos festejando a nossa proeza: a orgulhosa conquista do 62º lugar, na frente da Bolívia, Equador e Paraguai - mas bem atrás dos demais países deste sofrido continente latino-americano.

(Dados do Jornal do Brasil)



O Congresso Nacional trabalha.

1. *Aprovado pela Câmara Federal, está no Senado o Projeto de Lei que permitira punir severamente o trabalho escravo no Brasil. Uma das punições previstas é a perda da propriedade do imóvel ou estabelecimento onde for praticado o crime, além da proibição de financiamentos do governo ou incentivos fiscais aos responsáveis, pelo prazo de cinco a dez anos. Se as vítimas forem pessoas mais vulneráveis, como crianças, mulheres grávidas, índios, portadores de deficiência mental e outras, as penas serão ainda mais severas.*
2. *Outro Projeto de Lei aprovado por unanimidade na Câmara e enviado ao Senado, introduz nos currículos do ensino fundamental os temas relativos aos Direitos Humanos, não como disciplina à parte, mas inseridos nas demais disciplinas do currículo básico das escolas.*

"Diante desse panorama, não basta denunciar e sonhar. É preciso que as forças progressistas apresentem alternativas viáveis, factíveis, inovadoras, já que dentro do neoliberalismo o céu está ao alcance de uma minoria, enquanto a classe média, condenada ao purgatório, ainda crê que escapará do inferno que consome a maioria."

Fora do neoliberalismo não há salvação?

Frei Betto
Escritor

O avanço tecnológico atual, como expressão da riqueza, evidencia a distância entre a minoria privilegiada e a maioria da população que, no Brasil, não dispõe de rede de esgoto, instalações sanitárias, assistência de saúde e educação qualificada. Eis o paradoxo: aumenta-se a produção, reduz-se o emprego e, portanto, amplia-se a pobreza.

A Volkswagen de São Bernardo do Campo empregava, em 1980, cerca de 40 mil trabalhadores e produzia menos de 1.000 veículos por dia. Hoje, emprega pouco mais de 20 mil e fabrica, por dia, cerca de 1.200 veículos. Em Milão, a Benetton inaugurou um sistema computadorizado de confecção de

tecidos que representou a demissão de 3.000 funcionários.

O medo do desemprego é o principal fator de instabilidade emocional de inúmeros executivos. Alguns resvalam para o alcoolismo e as drogas.

Os sistemas produtivo e financeiro são globalizados, o distributivo afunilado. Há cada vez mais mercados para menos consumidores. O jeito é reduzir o preço das mercadorias, tornando-as mais competitivas, como fazem os chineses. Atrás do preço barato de um produto estão embutidos salários irrisórios, horas extra não pagas, direitos trabalhistas lesados. Os EUA aprendem a lição e instalam suas fábricas no México e na América Central.

O cenário nervoso das Bolsas de Valores são o mais típico símbolo do perverso modelo de economia neoliberal que toma conta do mundo globalizado.



Hoje é refinado luxo falar em vocação, sonho escolher uma profissão, difícil aprender um ofício e bênção obter um emprego. Ainda que esse emprego não corresponda ao trabalho que se gostaria de fazer, à profissão para a qual se sente habilitado, à vocação que realizaria o trabalhador como ser humano. Quantos Mozart e Einstein são bóia-frias ou, na ponta da pirâmide social, executivos entregues ao perigoso desporto de acumular riquezas. Os pobres não têm como potencializar os seus talentos. E entre aqueles que dispõem de capital, há os que mergulham de tal modo na ciranda financeira, ávidos por expandir os seus negócios, que nisso consomem a saúde, a vida familiar, a alegria de viver e o dom de criar.

Henry Ford considerava o homem "um animal preguiçoso". Com exceção dele, é claro. Assim, criou a verticalização no processo produtivo. Agora, a terceirização introduz o pós-fordismo. O

homem é um animal fragmentado. A pulverização dos serviços torna o trabalhador estranho, não só ao que produz, mas ao próprio processo produtivo. Isso mina a consciência de categoria profissional e a estrutura sindical. O neoliberalismo joga o assalariado numa rede anódina e anônima que lhe nega um mínimo de dignidade como profissional e reduz os seus direitos. Marx ficaria surpreso: as classes sociais são eliminadas, não pelo fim das desigualdades, mas pela consciência atomizada que não alcança as macroestruturas. A fragmentação só enxerga as partes, jamais o todo.

Economia vem do grego *oikos*, habitat, casa - o modo de gerir bens e serviços imprescindíveis à vida humana. Hoje, ela ignora o humano e centra-se na acumulação do capital. O mercado é exaltado como único mecanismo capaz de fazer funcionar a economia. O Estado do bem-estar social é tão repudiado quanto o Estado

absoluto das monarquias e o Estado síndico do socialismo. O mercado desempenha, inclusive, uma função epistêmica. Ergue-se como novo sujeito absoluto que se legitima por sua perversa lógica de expansão das mercadorias, concentração da riqueza e exclusão dos desfavorecidos.

O Estado outrora encarado como agente social, torna-se o Grande Leviatã. Os políticos, ainda que da boca para fora proclamem que o Estado não pode omitir-se das suas funções sociais, tratam de desmantelá-lo. Desmanches de carros e privatizações têm algo em comum.

A crise da modernidade traz em seu bojo a crise do projeto libertário forjado pela própria modernidade. A idéia de libertação, filha dileta do iluminismo, hoje é execrada como diabólica. As revoluções inglesa, americana e francesa são confiadas aos livros de História. E se ainda merecem atenção, é por terem assegurado a emancipação da burguesia e a falência da monarquia absoluta. Agora que o socialismo real ruiu, a utopia de uma sociedade igualitária é

abominada. Marx conclamava: "Proletários do mundo todo, uni-vos!" Mas foram os burgueses que lograram responder ao apelo. Não há mais capital sem conexão internacional.

A proposta ética de que essa riqueza deve servir à felicidade de todos os povos da Terra é assombrosamente anatematizada. A riqueza é para exaltar seus possuidores, ainda que a miséria se expanda como um cancro que corrói o tecido da família humana. Vejam a mansão de US\$ 60 milhões, de Bill Gates! É o "horror econômico", na expressão de Viviane Forrester.

Diante desse panorama, não basta denunciar e sonhar. É preciso que as forças progressistas apresentem alternativas viáveis, factíveis, inovadoras, já que dentro do neoliberalismo o céu está ao alcance de uma minoria, enquanto a classe média, condenada ao purgatório, ainda crê que escapará do inferno que consome a maioria.

Extraído de "Fraternizar"

✱

Conta-se que Henry Ford, o rico e famoso industrial norte-americano que inaugurou a produção em série de automóveis no início do século, costumava dar brilho nos sapatos com um engraxate que atendia no térreo do edifício da sua empresa.

Um dia, o engraxate reclamou:

"A gorjeta que o senhor me dá é menos da metade da que o seu filho me dá todo dia!"

O velho respondeu:

"É porque eu não tenho pai milionário, meu caro..."

Grandes desafios se colocam ao novo milênio. Na efetivação dos Direitos Humanos, e dos incipientes Direitos dos Povos; nas relações interculturais e inter-religiosas; na economia sustentável; no respeito eficaz à ecologia; na distribuição equitativa dos encargos e riquezas; na reformulação dos organismos mundiais que constituem o governo *de facto* do mundo...

Impõe-se uma mudança no mundo

D. Pedro Casaldáliga

Bispo de S. Felix do Araguaia

Trechos de sua carta mensal "O Berrante"

"Fazer um mundo onde caibam todos os mundos", como pede o subcomandante Marcos; "distribuir a terra", como pede o Pontifício Conselho de Justiça e Paz. Até mesmo o diretor-geral do FMI, Michel Candessus, confessa: "Passamos de um fundamentalismo do Estado para um fundamentalismo

do mercado". E em um encontro realizado na sede daquele Conselho Pontifício, ele insistia na necessidade de reinventar o Estado", esse Estado que o neo-liberalismo vem pulverizando.

É hora de revisar, de fazer exame de consciência e de pedir perdão. Mas com o propósito de

emenda. Foi notícia o *best-seller* de L. Accatoli sobre os *mea culpa* de João Paulo II. O Papa já pediu perdão 94 vezes. Não falta quem reaja, definindo-os como *mea culpa* pela metade, se se repetem na atualidade gestos ditatoriais ou sem misericórdia, ou quando se estigmatiza irresponsavelmente o Conselho Mundial de Igrejas e a Teologia da Libertação. Nem se trata de esperar 500 anos para pedir perdão. Também não seria correto insistir que os erros foram cometidos por alguns "batizados que não viveram sua fé", eximindo a Igreja como instituição. Os conservadores acharam que "é um absurdo pedir perdão pelos fatos da história". Pensamos que isto era o mínimo que podíamos fazer, nesta altura do jubileu que vamos celebrar. Nada nos desculpa. O cardeal Primatesta, a maior autoridade eclesiástica da Argentina durante a ditadura militar, cortando qualquer possível desculpa de seus irmãos no episcopado, rompeu com essa confissão pública: "Nenhum de nós pode afirmar que desconhecia o que estava acontecendo".

Em meio a esta noite neoliberal, estão rompendo muitas estrelas de criatividade alternativa, no mundo inteiro. Como réplica de vida a um sistema de morte que não pode ser o destino da humanidade. Frente ao anunciado "fim da história", nós queremos anunciar o fim do neoliberalismo; porque Deus é Deus e a humanidade é filha sua. Sonhamos porque vivemos: "quando já não se sonha, se está morto", dizia Freud. E como cristãos em

jubileu, sonhamos já para este mundo de terra e de história, porque Deus o fez terra e história sua: "A verdadeira causa das nossas desgraças devemos buscá-la na desencarnação do Verbo", proclamava George Bernanos.

E a Igreja?

A Igreja - as Igrejas, a Igreja de Jesus - vai celebrar com um solene jubileu, o ano 2000 da encarnação de Deus em Jesus de Nazaré.

Diante do mundo tragicamente neoliberalizado, e na esperança desse outro, mundo emergente, alternativo; sentindo a Igreja anquilosada em suas estruturas, devemos perguntar: o que se pede à Igreja? Como queremos que seja a Igreja do terceiro milênio, uma e plural, participativa e fiel aos tempos do Reino?

Vivemos um período novo na

Em meio desta noite neoliberal, estão rompendo muitas estrelas de criatividade alternativa no mundo inteiro, como réplica de vida a um sistema de morte que não pode ser o destino da humanidade.

vida da Igreja, que se abre com o Concílio Vaticano II. Um tempo que tem - ou deve ter - como espaço vital da Igreja o mundo inteiro: "a Igreja no mundo, com o mundo, para o mundo, com seus diversos povos e culturas, suas pluriformes estruturas políticas e econômicas, suas diversas cosmovisões, religiões e confissões" (Greinacher).

O ano da graça, que o berrante bíblico do *jobel* anunciava a cada sete anos para Israel, como a ocasião sagrada para perdoar dívidas sociais, como respiro para a terra e

liberdade para os escravos, foi proclamado por Jesus, em seu primeiro discurso público, como um tempo universal e definitivo de graça, como a Boa Nova da Libertação. O jubileu é, pois, um tempo *kairós* - hora de Deus em nossa hora humana - para cancelar dívidas; também as dívidas da Igreja. E um tempo forte de conversão pessoal e comunitária, social e religiosa.

A não ser que se pretenda um jubileu *light*, um simples grande festival de aniversário.



Não é comigo. Havia um importante trabalho para ser feito e todo mundo tinha certeza de que alguém o faria. Qualquer um poderia tê-lo feito mas ninguém o fez. Alguém se zangou porque era um trabalho de todo mundo. Todo mundo pensou que qualquer um poderia fazê-lo mas ninguém imaginou que todo mundo deixasse de fazê-lo. No final, todo mundo culpou alguém quando ninguém fez o que qualquer um poderia ter feito". (Joel e Catanna, MFC-Ouro Branco).

Leia e assine

fato
e razão

a revista da família comprometida com o projeto de Deus.

Para os jovens, uma visão nova
do começo de uma relação
amorosa, que nada tem de
“careta”

Fazendo do namoro uma experiência divina

Marcelo Barros
Monge beneditino, escritor.

Todas as vezes que, em junho de cada ano, os meios de comunicação falam do “Dia dos namorados”, tentando vender algum produto como presente de amor, lembro-me dos meus tempos de jovem. Um amigo gosta de dizer que a nossa geração não tinha a liberdade sexual que a juventude de hoje aparenta, mas talvez tivesse mais liberdade de amar e se apaixonar. Hoje, os jovens parecem ter mais dificuldade de, verdadeiramente crer no amor e a ele se entregar. Naquele tempo, quando a gente se apaixonava por uma moça e não era correspondido, alguns colegas percebiam e, brincando, diziam:

- Ele a namora, mas é segredo. Ela não pode saber, se não acaba.

Contam que, uma vez, numa sinagoga, um rabino escutou o lamento de um jovem que sofria com um amor não correspondido. O mestre o ouviu e depois comentou:

- É assim que o Senhor Deus sofre. Ele quer viver conosco uma relação de namoro. Nós não correspondemos.

Na Bíblia, esta imagem de um Deus apaixonado por nós e carente do nosso amor aparece bastante em profetas como Oséias, Jeremias e outros (Cf. Os 2, 16ss; Jr 3, 1ss; Is 54, Tc). Muitas correntes espirituais judaico-cristãs interpretam a relação amorosa entre o homem e a mulher no Cântico dos Cânticos como figura do amor de Deus pela humanidade. Paulo ensina que o casamento é importante como imagem deste amor de Deus representado na doação do Cristo pela Igreja.

Apesar disso, desde o início, o cristianismo foi influenciado pela filosofia platônica e teve dificuldade de compreender positivamente o amor e a linguagem dos amantes, a expressão afetiva corporal e a própria sexualidade.

De um lado, a tradição cristã contribui com a humanidade quando insiste que a sexualidade não deveria ser vivida como uma brincadeira inconsequente e leviana. O correto seria lutar por uma maior integração entre corpo e espírito, sexualidade e sentimentos afetivos. Entretanto, muitas vezes, as Igrejas acabaram contribuindo para formar um sistema moral que, a muitos, parece pesado e desumano, artificial e distante da proposta evangélica de Jesus. Isso gera angústias e sofrimentos na vida de muita gente e acaba provocando como reação contrária um liberalismo sem critérios.

Em meio a essa discussão que merece aprofundamentos e ponderações, é bom lembrar que, desde o primeiro testamento, a Bíblia nos propõe um senso de justiça conosco mesmo (psicológica), uma justiça social e política (com a comunidade) e uma justiça erótica (na relação com as pessoas com as quais, porventura nos relacionarmos afetivamente). Em todos os níveis em que ocorre na vida, a justiça está na base da aliança amorosa com o próprio Deus. No sermão da montanha, Jesus disse: “Procurem antes de tudo o Reino de Deus e sua justiça e tudo o mais lhes será dado por acréscimo” (Mt 6, 34).

As Igrejas não salientam muito, nem essa dimensão erótica da justiça e nem a imagem de um Deus apaixonado. Às vezes, a relação com Deus tem aparecido mais como dever do que como prazer, gratuidade de amor e intimidade amorosa.



O que vale é integrar
corpo e espírito,
sexualidade e
afetividade, no ponto
de partida de uma
relação de amor

Uma das maiores teólogas do mundo reconhece: "No cristianismo existe uma tendência para abandonar a dimensão extática de nossa relação com Deus. (...) Em contraste, os grandes santos e santas mantinham acesa a chama do êxtase e compreendiam a nossa capacidade de louvar a Deus na criação como uma maneira de participar do êxtase da vida" (Dorothe Soelle)

Estes homens e mulheres que aprofundaram a relação amorosa com Deus o chamaram de "Amado, ou Amada". Escreveram-lhe poemas e canções de amor.

Hoje, podemos ler os poemas amorosos de João da Cruz, Mestre Eckhart, Hildegardes de Bingen, Catarina de Sena e Teresa de Ávila. Sem falar em místicos de outras religiões, como os místicos islamitas (Rumi e a mística Rabía al-Adauia), hindus e outros.

Recordando isso, podemos aproveitar, cada ano, essa oportu-

nidade do Dia dos Namorados para tanto na relação com Deus como nas nossas relações humanas, retomar o gosto e a alegria do tempo de namoro. Isso pode valer para uma relação matrimonial entre esposos, há anos casados, como também é útil para o diálogo entre dois amigos ou amigas. Vale a pena humanizar a nossa relação com Deus e com os outros (as). Se somos de Deus, somos suas testemunhas e toda relação humana, mesmo um simples namoro, se torna um momento místico. O amor é sempre uma energia divina. "Deus é amor. Quem vive o amor, vive em relação com Deus e o próprio Deus está com a pessoa" (1 Jo 4, 16).

- Marcelo Barros é monge beneditino e escritor. Tem 21 livros publicados, dos quais o último é o romance holístico "A Secreta Magia do Caminho" (Record Nova Era).

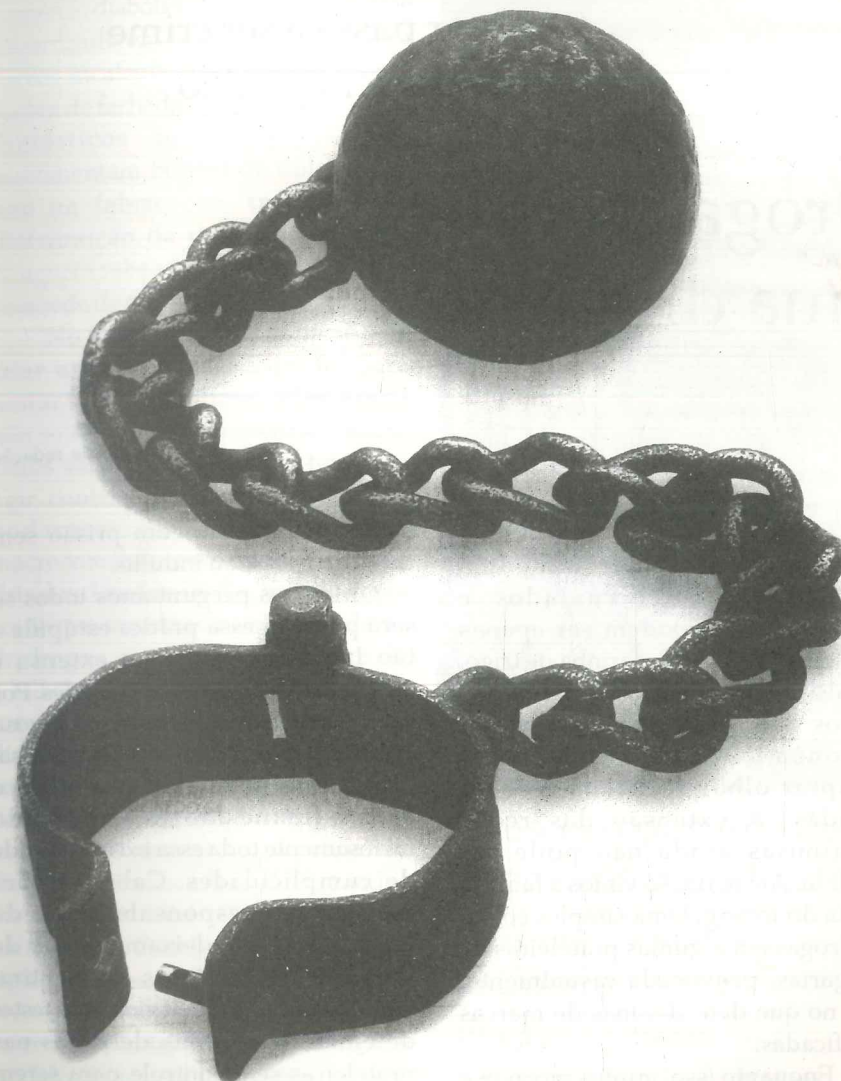
@ Como é vivido hoje o namoro? O que mudou em relação ao namoro do passado?

@ O que traz de novo este artigo sobre um tema tão velho como o mundo?



Pesquisa mundial sobre Família. O Movimento Familiar Cristão realizou uma pesquisa sobre como vivem, o que pensam, quais as necessidades e expectativas, quais os maiores problemas das famílias, em 18 países da América, Europa, África e Ásia. Milhares de famílias foram entrevistadas. Os contrastes são gritantes: nos Estados Unidos consideram-se famílias pobres as que têm renda inferior a 1000 dólares mensais. Em Uganda, as famílias pobres ganham menos de 50 dólares, e ricas são as que ganham mais de 1000 dólares por mês. Mas coincidem, em quase todos os países, em todas as classes sociais, os maiores problemas: o desemprego ou medo de perda do emprego, o alcoolismo, as drogas, a carga excessiva de trabalho e a falta de tempo para a convivência familiar e o lazer. O modelo de sociedade neoliberal que vai-se impondo no mundo está causando grandes estragos nas famílias.

Alguém escapou!



Você também pode!

Livre-se do álcool e da droga.
Salve a sua família. Aceite ajuda. Viva!

Drogas que continuam destruindo vidas e drogas falsificadas: mas agora, falsificar passa a ser crime hediondo, sem perdão

Drogas & drogas: uma droga!

Equipe de redação

De repente você fica sabendo que as drogas caras que seu médico receitou com mil cuidados e recomendações podem ser apenas alguns miligramas de farinha de trigo. A falsificação é quase perfeita. Os lucros das quadrilhas devem ser astronômicos, o suficiente para comprar olhos fechados e bocas caladas. A extensão das redes criminosas ainda não pode ser medida. Até agora só vimos a famosa ponta do *iceberg*. Uma simples coleta de drogas em algumas prateleiras de drogarias, provocada casualmente, deu no que deu: dezenas de marcas falsificadas.

Enquanto isso, muitos morrem e outros sofrem sem necessidade, consumindo pequenas doses de farinha de seis em seis horas. Já surge o esperado projeto de lei para qualificar a falsificação de remédios como crime

hediondo, punido com prisão sem direito a fiança ou indulto.

Mas nos perguntamos todos se será possível essa prática estúpida e tão lucrativa sem uma extensa e tentacular rede de cumplicidades. Por isso, é preciso exigir a mais raivosa apuração dessa aberração criminosa, capaz de desmontar as quadrilhas e seus financiadores, punindo furiosamente toda essa execrável rede de cumplicidades. Cabe também castigar a irresponsabilidade de laboratórios que deixam escapar de seus depósitos drogas de mentira, fabricadas, segundo dizem, para testes de embalagens. Mas deixados nas prateleiras sem controle para serem furtados facilmente e fornecidos a drogarias sem escrúpulos, ávidas de lucro fácil.

Do outro lado, cresce o consumo das drogas que não se vendem nas

drogarias. É o único setor da economia que continua crescendo assustadoramente, na contramão da recessão mundial geradora de desemprego. É o comércio diabólico que sustenta o crime organizado em todo o planeta. Gera lucros incalculáveis. Grandes corporações de fachada inocente, bancam os fantásticos investimentos que movimentam bilhões de dólares por ano na fabricação, transporte e distribuição da droga no mundo. Ninguém sabe ainda como desmontar essa rede de morte.

No Brasil, o governo acaba de criar uma Secretaria Especial para tentar esse desmonte. Mas ainda não se sabe com que recursos financeiros vai contar e que força terá para agir contra interesses econômicos poderosos que sustentam esse macrocomércio em nosso país. Nos Estados Unidos, Bill Clinton, revelando que seu irmão é um dependente de drogas, anuncia investimentos de 2 bilhões de dólares em cinco anos, somente em campanhas educativas dirigidas a meninos e jovens de 9 a 18 anos. Revela ele que seu país tem 6% da população mundial mas consome metade de toda a produção anual de drogas. Por isso se sabe que os grandes donos desse comércio estão mesmo sediados nos Estados Unidos, por ser lógico estar geograficamente dentro do principal mercado consumidor. Por outro lado, todos sabemos que neste modelo de economia neoliberal, é o consumo que comanda a indústria e o comércio, seja do que for. Se o consumo naquele país for coibido, haverá crise na indústria da droga no mundo todo, com reflexos na economia de



Cresce o consumo de drogas no mundo, gerando lucros astronômicos e enorme poder econômico e político para o crime organizado: qual a saída?

A falsificação de remédios é um crime covarde que supõe vasta rede de cumplicidades: devem ser apuradas e punidas com rigor

muitos países produtores e queda nas bolsas de NY, Londres e Tóquio, certamente...

Como enfrentar esse problema de frente? Haverá uma saída?

Ressurgem agora no Brasil estudos para a adoção do assustador (mas aparentemente lógico) modelo suíço, devidamente adaptado a um país muito diferente: lá, os viciados dependentes são cadastrados e recebem doses regulares e controladas de drogas, gratuitamente, contra o compromisso de terapia também gratuita, para tentar vencer a dependência. Esse modelo desmonta o tráfico, reduzindo o seu mercado a alguns viciados que não querem revelar sua situação. Também reduz os riscos das overdoses que produzem

morte e do uso de seringas infectadas que transmitem doenças graves. Os custos devem ser elevados mas certamente compensadores - ou a Suíça dos banqueiros não o adotaria... A Austrália começa a fazer o mesmo, como experiência, em algumas cidades do país. O mais importante nesse modelo é considerar-se o dependente como um enfermo que precisa de terapia adequada e que cabe ao governo atender a essa doença como a qualquer outra. Busca afastá-lo do traficante fornecedor. O jovem viciado já não precisa furtar dentro e fora de casa para conseguir comprar a droga. O modelo assusta mas merece ser avaliado, em seus prós e contras, com a devida prudência, é claro - já que não se vislumbra nenhum outro caminho efetivo para a reversão do crescimento dessa indústria maldita, suporte do crime organizado que já comanda países, elege e derruba governos, compra consciências e mata sem piedade.

Enquanto isso, esperamos ver logo desmascarados e na cadeia os falsificadores das outras drogas, essas vendidas com receita médica em drogarias ingênuas ou cúmplices, nas nossas cidades.

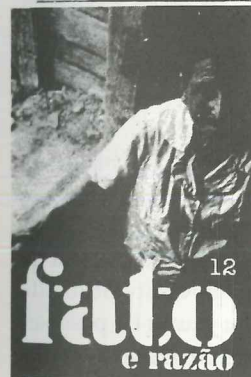
@ Este problema do uso e do tráfico de drogas está presente na nossa cidade? Como o vemos? O que sabemos?

@ Como está sendo ou deveria ser enfrentado o problema pelas famílias e pelas autoridades públicas?

@ E a falsificação de medicamentos? Como podemos combater esse crime e evitar suas conseqüências?



"Terceira idade é quando os amigos nos encontram e dizem: 'Como você está bem!'"



Leia e assine **fato** e razão

*Uma revista para ler, reler,
coleccionar para consulta e
oferecer aos amigos.*

Peça os números que faltam
na sua coleção.

Assinaturas:

OURO - 6 números: R\$ 15.

PRATA - 4 números: R\$ 10.

Exemplar avulso: R\$ 2,50.

Basta enviar seu nome e
endereço completo, com
cheque nominal ao
Movimento Familiar Cristão,
para

Livraria do MFC:

**Rua Espírito Santo 1059/1109 - CEP
30160-922 Belo Horizonte - MG**

Tel. (031) 273-8842.

Aproveite a promoção:
se você vender ou presentear
5 assinaturas, a sexta é grátis.

Mais uma vez surge no cenário nacional uma nova onda de discussão a respeito dos efeitos nocivos da TV sobre o telespectador infanto-juvenil. É de se esperar que essa onda não morra na praia...

Televisão: liberdade ou permissividade?

Munir Cury

Nos últimos meses nos deparamos com quadros dantescos, agressivos e da mais baixa pornografia entre duas emissoras que lutam pela conquista de audiência, em horário absolutamente incompatível com a determinação legal. E a sequência de desrespeitos ao telespectador parece ficar mais uma vez impune.

Como devemos reagir diante desse poder das emissoras de TV? Como nos comportar em relação a essa concessão pública, pessimamente utilizada por certas empresas de televisão, cujo interesse dominante é o lucro? De que forma conciliar a liberdade de expressão, incondicionalmente proclamada pelo meio artístico, e o interesse do telespectador? Todas essas questões devem ser enfrentadas com seriedade, equilíbrio e

sensatez. Nada de falsos moralismos, ingenuidades ou negociações. Basta de argumentos falaciosos, tendenciosos ou corporativistas. Há grandes interesses em jogo, nos bastidores da telinha, contra os quais o telespectador deve estar conscientizado.

Igualdade de Direitos

Viver num regime democrático significa basicamente ter a garantia da igualdade de direitos entre os cidadãos, como premissa básica de uma convivência saudável e promissora para as crianças e os adolescentes. A concessão pública de uma emissora de televisão, utilizada por uma pessoa ou grupo de pessoas, não foge desse preceito fundamental, isto é, de que os seus direitos não são

maiores ou superiores ao do mais modesto telespectador a quem se dirige. Respeito e dignidade são requisitos mínimos de qualquer programa, de qualquer nível, em qualquer horário, sobretudo naquele em que o público infanto-juvenil tem mais facilitado o acesso.

Pesquisa recentemente elaborada em conjunto pelo Ibope, pela Unesco e pelo Ministério da Justiça indicam que, na avaliação dos pais, novelas e filmes são os programas que mais mostram cenas ou tratam de assuntos inadequados para crianças e adolescentes. Entre as cenas de maior constrangimento estão as de sexo explícito (71%) e estupro (58%), destacando-se também a preocupação dos pais com o incentivo ao consumismo transmitido pela TV.

É perigoso e falso o argumento de que qualquer interferência nessa desenfreada permissividade das emissoras de televisão represente a volta da censura no nosso país. Perigoso porque não se trata de censura, mas do estabelecimento de limites válidos e legítimos entre partes em desigualdade de posições. Falso porque não se pretende qualquer patrulhamento, mas a fixação de regras mínimas de convivência entre um veículo potente, que é a televisão, e o telespectador criança e adolescente, ainda em formação e com valores em fase de sedimentação.

Nesse sentido, as mesmas pesquisas acima mencionadas revelam que 75% da população brasileira deseja um controle ex-

A Constituição Federal define os objetivos da mídia - rádio e TV - como predominantemente educativos e promotores dos valores cívicos e culturais do povo brasileiro, determinando a criação de um Conselho Nacional de Comunicação Social, integrado por representantes da sociedade civil, das igrejas e outras organizações sociais para regular e monitorar o uso desses meios de comunicação de massa. Mas interesses comerciais têm impedido a criação desse Conselho.



terno sobre a programação de TV, sendo que 64% defendem a classificação da programação por faixa etária e horário de exibição. A censura e cortes prévios foram defendidos por 32%. Dos que defendem a classificação, 41% acham que ela deve ser feita por um órgão misto (emissoras, governo e sociedade civil), 24% delegam essa função ao governo e 31% atribuem essa responsabilidade às emissoras.

Países como a Espanha, a Suécia e a França possuem órgãos que acolhem reclamações do público para avaliá-las e encaminhá-las às TVs, com o objetivo de disciplinar de forma saudável a programação e preservar princípios fundamentais de fendidos pela sociedade. Na França, por exemplo, a finalidade é assegurar a igualdade de tratamento entre a emissora e o telespectador, favorecer a livre concorrência e a expressão pluralista de opiniões. E não se pode dizer que nesses países não se respeite a liberdade de expressão.

Privatização da liberdade

Mas, o que é a "livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença", e fixada pela Constituição Federal e popularmente conhecida por *liberdade de expressão*? Como deve ser encarada essa livre expressão no

contexto da programação ou da mensagem da TV?

Em primeiro lugar, não há como contestar que existe uma verdadeira privatização da liberdade de expressão, sutilmente camuflada pelas diversas emissoras e respectivas programações que, na verdade, ditam regras de comportamento e impõem aquilo que a população deve saber. Basta ver como os fatos costumam ser transmitidos ao telespectador, com ênfase muitas vezes em aspectos marginais ou desnecessários, ou ainda destacando personagens que ideologicamente mais se identificam com a linha da emissora ou com os seus interesses. Será que o direito de milhões de telespectadores à cultura e à informação não está sendo prejudicado por uma forma privada e velada de censura exercida pelas poderosas emissoras, sob a falsa alegação da liberdade de expressão?

Partindo daí se pode facilmente concluir que a questão da liberdade de expressão, seja nos meios de comunicação em geral, seja em relação à televisão em particular, está ligada ao reconhecimento e à garantia dos direitos fundamentais de cada cidadão.

Não por menos, a própria Constituição Federal insere a liberdade de expressão entre os direitos e deveres individuais e coletivos, proclamando que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, e garantindo o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Fica evidente que a liberdade de expressão

não é absoluta, incondicional, irrestrita e muito menos desenfreada, mas, exatamente por ser uma criação da inteligência humana, encontra os seus limites em cada homem, inseridos todos na convivência social, que exige regras para a sua sobrevivência e manutenção. Quando e onde a expressão, nas suas mais variadas formas, fere direitos alheios, não mais se pode cogitar de liberdade, mas de arbítrio. E o arbítrio é característica dos regimes totalitários.

Desligar o botão?

Se, de um lado, existe o direito à liberdade de expressão proclamado pelas TVs, de outro existem os direitos, também consagrados pela Constituição, à educação, à cultura, ao lazer, à dignidade, ao respeito de crianças e adolescentes. Mas, na verdade, somente o primeiro conta com a simpatia e o apoio oficiais.

O argumento simplista e equivocado sugerindo que se desligue o botão antes da transmissão da mensagem negativa não tem qualquer consistência, mesmo porque no ato de desligar o botão a mensagem já conseguiu o seu objetivo: chegar ao telespectador. Verifica-se assim que o patrulhamento ideológico, o estímulo à violência, o desrespeito aos direitos elementares de cidadania, a disseminação de preconceitos, a discriminação e erotização desmedida e irresponsável de crianças e adolescentes vêm sendo veiculados sob o manto protetor da "liberdade de expressão".

Será democrático um regime que privilegia os poderosos detentores dos meios de comunicação e permite que alimentem uma falsa liberdade de expressão, em detrimento de uma imensa maioria de telespectadores infanto-juvenis? Os direitos dessa maioria são flagrantemente violados, ao ser proclamado como direito à vida o que, na verdade, é um túnel da morte; como direito à saúde o que não passa de um palco de vícios e dependências; como direito à educação o que é um incentivo à corrupção e à delinquência; como direito ao lazer o que é um mundo de ócio e perversidades; como direito à cultura o que é um obstáculo ao verdadeiro crescimento integral do homem; como direito à dignidade o que é opressiva cascata de futilidades e prazeres inconseqüentes; como direito ao respeito o que é a idolatria ao consumo e ao hedonismo; como direito à liberdade o que é a apologia do permissivismo e da licenciosidade; e, por fim, como direito à convivência familiar e comunitária o que, na verdade, é a união superficial e passageira do prazer e da vaidade.

Nunca é demais enfatizar que não se trata de admitir qualquer retorno aos mínimos princípios da censura, mas na verdade, de impedir que ela ocorra, como vem ocorrendo, no seu pior e mais nefasto sentido: exercida pelas próprias emissoras de TV, ao descartarem os valores que efetivamente edificam o homem e os relacionamentos sociais que possibilitam a construção de um futuro promissor para a humanidade.

Reformular o modelo

Dizem alguns que a permissividade e a violência na TV apenas refletem os anseios da sociedade moderna, sendo um mero espelho das suas expectativas. Ora, nada mais falso do que nivelar por baixo a condição do homem e da sociedade moderna, ignorando as expressões de dignidade, caráter vitalidade, dedicação e amor num mundo em permanente transformação, simplesmente porque elas não correspondem aos interesses econômicos, político-ideológicos e manipuladores de certas emissoras de TV.

A lição que nos é dada pela vida, no entanto, demonstra que o homem e a natureza - e, como consequência, a própria estrutura social e política - se transformam permanentemente. Ao observador pouco avisado tais mudanças não são sentidas. A colaboração que cada um de nós pode e deve dar para que sejam assegurados a crianças e adolescentes programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e infor-

mativas é decisiva e solicitada a cada momento pelo espírito democrático que se implanta em nossa sociedade.

Sob o aspecto prático da responsabilidade pessoal, o envolvimento em maior ou menor escala na reformulação do atual modelo de classificação poderia ser um primeiro e decisivo passo. Mesmo porque correm notícias de estudos para a implantação de um órgão misto, constituído por representantes das emissoras, do governo e da sociedade civil, que exerceria o controle dos programas de TV. Além do mais, são válidas e importantes as intervenções junto aos patrocinadores dos programas considerados negativos ou prejudiciais, comunicando-lhes, por exemplo, que os seus produtos não mais serão adquiridos caso prossigam na veiculação da matéria.

Enfim, também no assunto TV é preciso que nos sintamos responsáveis uns pelos outros, utilizando a nossa criatividade e dons pessoais para a construção de um mundo mais unido e fraterno.

Extraído de "Cidade Nova".

@ A TV é realmente um problema para as nossas famílias? Há somente aspectos negativos? Há aspectos positivos? Exemplos.

@ Se há aspectos positivos e negativos, como aproveitar os positivos e atenuar ou neutralizar os negativos?

@ O que depende de leis e regulamentações dos governos? O que depende de nós?

@ O que podemos fazer para influenciar parlamentares que têm sua base política em nossa região, para que o Congresso cumpra o que determina a Constituição Federal e crie o Conselho Nacional de Comunicação Social?

@ O que sabemos e podemos fazer para criar e operar uma TV Comunitária em nossa cidade, orientada para a conscientização e educação das famílias?

Reformular o modelo

Dizem alguns que a permissividade e a violência na TV apenas refletem os anseios da sociedade moderna, sendo um mero espelho das suas expectativas. Ora, nada mais falso do que nivelar por baixo a condição do homem e da sociedade moderna, ignorando as expressões de dignidade, caráter vitalidade, dedicação e amor num mundo em permanente transformação, simplesmente porque elas não correspondem aos interesses econômicos, político-ideológicos e manipuladores de certas emissoras de TV.

A lição que nos é dada pela vida, no entanto, demonstra que o homem e a natureza - e, como consequência, a própria estrutura social e política - se transformam permanentemente. Ao observador pouco avisado tais mudanças não são sentidas. A colaboração que cada um de nós pode e deve dar para que sejam asseguradas a crianças e adolescentes programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e infor-

mativas é decisiva e solicitada a cada momento pelo espírito democrático que se implanta em nossa sociedade.

Sob o aspecto prático da responsabilidade pessoal, o envolvimento em maior ou menor escala na reformulação do atual modelo de classificação poderia ser um primeiro e decisivo passo. Mesmo porque correm notícias de estudos para a implantação de um órgão misto, constituído por representantes das emissoras, do governo e da sociedade civil, que exerceria o controle dos programas de TV. Além do mais, são válidas e importantes as intervenções junto aos patrocinadores dos programas considerados negativos ou prejudiciais, comunicando-lhes, por exemplo, que os seus produtos não mais serão adquiridos caso prossigam na veiculação da matéria.

Enfim, também no assunto TV é preciso que nos sintamos responsáveis uns pelos outros, utilizando a nossa criatividade e dons pessoais para a construção de um mundo mais unido e fraterno.

Extraído de "Cidade Nova".

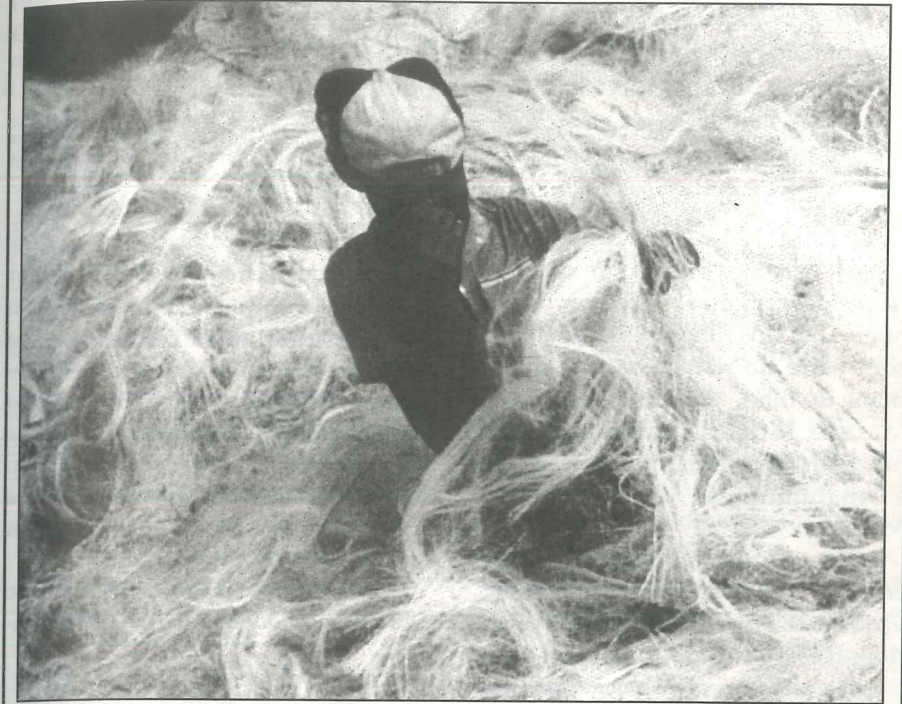
@ A TV é realmente um problema para as nossas famílias? Há somente aspectos negativos? Há aspectos positivos? Exemplos.

@ Se há aspectos positivos e negativos, como aproveitar os positivos e atenuar ou neutralizar os negativos?

@ O que depende de leis e regulamentações dos governos? O que depende de nós?

@ O que podemos fazer para influenciar parlamentares que têm sua base política em nossa região, para que o Congresso cumpra o que determina a Constituição Federal e crie o Conselho Nacional de Comunicação Social?

@ O que sabemos e podemos fazer para criar e operar uma TV Comunitária em nossa cidade, orientada para a conscientização e educação das famílias?



fato, foto e razão

O fato

No Brasil, crianças ainda trabalham em situações de risco, por salários simbólicos, impedidas de estudar, ferindo-se e perdendo a saúde para sempre.

A foto

O menino mergulhado em fibras de sisal compõe uma bela foto de Egberto Nogueira.

A razão.

A busca de lucro e a insensibilidade social dos plantadores de cana, produtores de sisal, donos de carvoarias e outros empresários e empreiteiros de mão-de-obra usam essa perversa exploração de crianças submetidas a essa condição por imposição dos baixos salários ou desemprego de seus pais.

"Tudo sob controle"

Mario Canelas
Escritor, produtor rural

Os pais, por excesso de carinho, ou por desejar gravar para sempre seus nomes nos dos filhos, resolvem fazer, com parte do nome de cada um, o nome do filho. Assim foi com Dona Mara e Wilson. Nascido o seu machinho, bolaram mil combinações e finalmente se decidiram por Marilson.

Não ficou um nome muito comum, mas isso não era importante. O que valia é que, até no nome do filho, o casal estava unido.

Na escola, os colegas custaram a absorver o nome tão incomum, ou melhor, nunca encontrado em outro menino.

O tempo (sempre o tempo), grande fixador das excentricidades, transformando-as, pelo uso, em coisas normais, encarregou-se de fazer a aceitação por todos do nome do Marilson.

Hora de trabalho. A principal

qualidade do jovem Marilson: achar tudo natural e entender que tudo estava sempre "sob controle". Podia não passar numa prova, ser reprovado. Sempre considerava tudo "sob controle". Profissão, escolheu a de administrador de empresas. Propicia uma larga faixa de aptidões e grandes chances de cobrir fracassos com possíveis êxitos.

Foi assim que o nosso amigo Marilson, estagiando em uma em-



presa, se viu de repente convidado para administrar a fazenda do maior acionista do grupo.

E lá foi ele para o interior, cheio de teorias administrativas, mas distante das realidades e complexidades de uma fazenda. Em seus relatórios ao proprietário, descrevia os fatos e fechava sempre com a afirmativa de que tudo estava "sob controle".

Patrão rico, desandou a fazer planos e mais planos, com projeções para vários anos à frente, o que lhe dava uma folga tranqüila até que surgissem os resultados. Nada a curto prazo.

O investimento foi se tornando imenso. O capital imobilizado era como uma bola de neve: quanto mais punha, mais exigia.

Começou o proprietário a se preocupar seriamente com tanto plano e tão remotos resultados. Obras e mais obras. Tecnologia sofisticada em tudo. Reforma global na fazenda, desde a sede aos currais, estradas, pontes açudes, veículos, semoventes e até gente. O moço sabia de tudo, entendia de tudo, mandava em tudo, bisbilhotava em todas as partes e, sempre que inquirido, com tranqüilidade de quem não tem o seu queimando, mandava com pose o seu "tudo sob controle".

O proprietário, entretanto, já não tinha sob controle as contas da empresa rural. Ia constantemente buscar em outros negócios ou no Banco dinheiro e mais dinheiro para atender à administração Marilson.

Um dia chega uma notícia preocupante da fazenda e o proprietário resolveu inquirir o Marilson sobre o que havia acontecido. Telefonou:

"Marilson, o que houve na fazenda? Notícias desencontradas estão me colocando nervoso".

"Ora, não se preocupe, está tudo sob controle".

"Mas que houve, afinal?"

"O açude, doutor. Simplesmente que o açude estourou..."

"E daí? Está tudo abaixo dele. Destruíu alguma coisa?"

"Sim, doutor, um açude quando estoura sempre destrói alguma coisa, mas está tudo sob controle".

"Matou alguém?"

"Mortes, doutor, sempre existem. É a lei da vida. Eu lhe relatarei esse detalhe na hora própria".

"E agora? É hora própria para quê? A nova ponte de concreto agüentou?"

"Não doutor. A ponte teve uma atitude decepcionante. Desabou. Ficou toda destruída. Mas já providenciamos e está tudo sob controle".

"E o leite, como está passando sem a ponte?"

"Não doutor. É impossível fazê-lo. Mas tirar leite de quê, se a água carregou a maior parte do rebanho?"

"Como? O senhor está louco?"

"Calma doutor. Muita calma. Carregou. Não poderia deixar de carregar. Era muita água, mas já está tudo sob controle."

"Mas não pode usar o estábulo com os animais que ficaram e tirar o leite diário?"

"Acontece que o estábulo não ficou, doutor. A água levou, mas já está tudo sob controle".

"E as casas dos colonos? Foram afetadas?"

"Todas. Umas caíram e outras tiveram todos os pertences carregados na enxurrada, mas já está tudo sob controle."

"E o pessoal? Diga de uma vez, morreu alguém?"

"Sem dúvida. Como poderiam se salvar todos? Mas já fizemos os enterros e está tudo sob controle".

"E o meu cavalo árabe?"

"Desapareceu no lamaçal. O senhor sabe que lama não é o forte do

árabe. Dentro dos recursos disponíveis, tomamos todas as providências, e está tudo sob controle".

"E as plantações? Foram afetadas?"

"Completamente. A barragem do açude foi se desmontando e cobrindo de lama toda a parte baixa".

"Mas foi o senhor que mandou fazer o açude acima de tudo isso!"

"E não é óbvio, doutor? A água tem que vir de cima para baixo. Isso é alta sapiência. A chuva, doutor. Essa sim foi a responsável pelos danos, mas a chuva não fui eu que mandei vir".

"Olhe, mande meu tio vir ao Rio imediatamente. Quero saber dele toda essa desgraça que houve aí."

"Sim, doutor. Ele irá se for encontrado. Atravessava a ponte no momento da avalanche e até agora nem o carro foi encontrado, embora tenhamos tomado todas as providências e já esteja tudo sob controle."

"Chega! Arrume a sede que no fim da semana estarei aí pessoalmente."

"Desculpe, doutor, mas para este fim de semana não vai dar."

"E quando dará? Tenho urgência de ir aí."

"Seis meses doutor, porque a metade da sede desabou. Escoramos o que sobrou, retiramos muita lama de todos os cômodos, estando tudo sob controle."

"Não diga isso que eu enlouqueço. E os meus quadros raros?"

"Já não são raros, doutor. Tornaram-se normais. Ficaram só as

molduras, que já retiramos, limpamos, estando tudo sob controle."

"Chega! O senhor é um idiota, um imbecil, uma besta completa! Apresente-se imediatamente aqui no Rio para ser despedido. Pilantra e tão

metido a sofisticar, a planejar e sapiência!..."

"Perdão, doutor, essa acusação eu não aceito. Fiz o mais simples que aprendi, na base do feijão-com-arroz..."



Carta ao Imperador. "Senhor Imperador. Vossa Majestade é tão importante e esse povo insensível fica impedindo a sua aposentadoria, exigindo que continue a nos governar. Desculpe o povo que é ignorante e fica criticando esse modelo de economia tão transparente e tão justo. Em nome desse povo eu lhe peço desculpas pelos protestos contra o salário-mínimo que não chega ao fim do mês. Afinal, não foi Vossa Majestade quem fez o mês de trinta dias. Além disso o povo continua imprevidente, gastando tudo o que ganha em comida, transporte e remédios, sem se preocupar em economizar para o futuro. Perdoe a falta de imaginação do povo que não sabe pedir outra coisa se não a mesmice de sempre: emprego, saúde, educação. Essa falta de visão deve incomodar Vossa Majestade, empenhada em resolver os grandes problemas do Império. O pior é que essa gentinha que só pensa em trabalhar, trabalhar, trabalhar e ficar pedindo aumento de salário, não leva em conta as despesas elevadas que dão aos patrões, tantas vezes até impedidos, por causa disso, de mandar seus filhos para as universidades gregas. E Vossa Majestade deve ser mais firme com essa gente inescrupulosa que anda invadindo as terras dos pobres latifundiários da nobreza do Império que tanto se sacrificaram para construir penosamente o seu valioso patrimônio. Querem justificar essas invasões com o argumento insustentável de estarem famintos, na miséria, e de que as propriedades são improdutivas, sem compreender que as terras estão propositalmente descansando para poderem ser melhor cultivadas por seus tetranetos. Há também os que tentam denegrir a imagem do Império perante os povos bárbaros do Norte. Chegam ao ponto de passar a noite em filas nas portas e corredores de hospitais. No seu fanatismo antipatriótico chegam mesmo a morrer nas filas para desmoralizar Vossa Majestade e o Império. Como deve ser difícil entender e ser tolerante com essa gente mal-agradecida que tem preguiça de aproveitar a riqueza da nossa natureza, como o povo do Nordeste do Império, que até no tempo de seca tem a fartura dos cactos e calandras, que não exigem plantio e trato para lhes assegurar vitaminas, proteínas e cálcio, de graça. Não contentes ainda saqueiam os armazéns só para despertar a atenção do Conselho do Império para a sua falta de civilidade. Já nem falo nessa gente esquisita e magra, viciadas em filas da Beneficência Imperial, fingindo de doentes, para tentar obter vantagens indevidas. Por tudo isso, que certamente lhe causa profundo desgosto, venho, em nome desse povinho, pedir-lhe perdão. Como intelectual, Vossa Majestade saberá perdoar essa plebe ignara incapaz de pensar grande, presa aos seus minúsculos e mesquinhos interesses pessoais imediatistas. Ave, Senhor!" (Adaptado de texto de Vicente Pinto).

Carta ao povo brasileiro

Quinhentos anos depois da Carta em que os colonizadores europeus descreveram, pela primeira vez, as belezas e as riquezas do Brasil, é também com uma Carta que fazemos chegar ao povo brasileiro as alegrias, preocupações e esperanças das mais de 10 mil pessoas que participaram dos 150 eventos regionais e locais da 3ª Semana Social Brasileira.

Iniciativa da CNBB e parte de sua programação para viver o Jubileu dos 2000 anos do nascimento de Jesus Cristo, a 3ª Semana Social é assumida e coordenada por pastorais, entidades ecumênicas, organismos e movimentos populares.

Motivados pela fé cristã, que nos convoca a remover as montanhas da ignorância e da indiferença; motivados pelo compromisso com o povo, que vive uma situação intolerável de sofrimento e de dor; e motivados por um novo milênio, que queremos muito diferente deste que se encerra, nós, os 396 participantes do Momento Nacional da 3ª Semana Social, reunidos em Itaici (SP), de 4 a 8 de agosto de 1998, denunciemos as dívidas sociais que atingem a população brasileira e assumimos compromissos para superá-las.

Que esta Carta seja lida em cada casa, em cada praça, em cada grito, em cada encontro, em cada Igreja. E que suas palavras se tornem realidade na caminhada de cada um de nós, reforçando nossa esperança e nosso sonho de justiça e solidariedade na construção de uma sociedade democrática.

Itaici, agosto de 1998.

Quais são as dívidas sociais?

São as dívidas que as elites dominantes impuseram ao nosso povo, em 500 anos de exploração. Dívidas que se materializam no desemprego, nos salários indignos, nos sem-terra, no abandono dos pequenos agricultores e dos pescadores artesanais, na escravidão que persiste, na fome torturante, no extermínio dos povos indígenas e de outros grupos sociais.

Dívidas que se expressam, também, nos sem-teto, na discriminação dos migrantes, no sucateamento dos serviços de saúde e educação, na precariedade dos serviços urbanos, nas agressões ao meio-ambiente.

Dívidas que se revelam, ainda, na negação do pleno direito à cidadania dos portadores de deficiência dos idosos, jovens, crianças, adolescentes, meninos e meninas de rua, mulheres, povos indígenas, negros, ciganos e outras etnias, maiorias e minorias de nosso povo.

Dívidas que se fortalecem na violência cotidiana, na injustiça, na corrupção, na falta de democracia real, nas distorções veiculadas por meios de comunicação de massa, na destruição de valores individuais e coletivos.

Os credores das dívidas sociais são a maioria do povo brasileiro. Não precisamos, aqui, indicar quantos são os sem-terra, os sem-teto, os desempregados, os

sem-cidadania... A existência de uma única criança abandonada já nos causa indignação e nos faz lutar contra o projeto político excludente que domina a sociedade brasileira, campeã mundial de desigualdades sociais.

Raízes e resgate das dívidas sociais.

As dívidas sociais possuem raízes profundas, que remontam ao processo colonizador europeu, a séculos de escravidão, de transferência de nossas riquezas para o exterior, de democratização lenta e restrita, de justiça parcial e perpetuadora de desigualdades, de subordinação do Estado aos interesses privados nacionais e internacionais, de um desenvolvimento econômico que gera e reproduz estruturalmente a desigualdade.

O modelo neoliberal, implementado no Brasil principalmente a partir de 1990, reforça a desigualdade estrutural existente na sociedade brasileira. Vivemos sob o domínio das chamadas leis do mercado, do individualismo, da competitividade, do consumismo. A idolatria do mercado sufoca os valores da igualdade, da solidariedade, da soberania nacional, de uma democracia participativa.

O grande capital exige subordinação de nossa sociedade, impondo privatização de estatais, abertura comercial sem salvaguardas nem contrapartidas,

desmantelamento dos serviços públicos.

Agravam-se o desemprego, a violência, a crise de valores. Mas as soluções estão à vista e à mão. Nossas mazelas não se devem à falta de recursos: suas causas são políticas e estruturais.

É necessário construir um novo projeto de sociedade, orientado por valores e por estratégias capazes de promover a distribuição da riqueza, da renda, da terra, do poder e do saber, criando oportunidades para que todos os brasileiros possam viver com justiça, dignidade e alegria.

Esta nova sociedade já vem sendo construída, pelos movimentos populares, pela sociedade civil, na luta contra o projeto dominante. O novo é visível nas lutas por terra e água, na batalha por direitos sociais e políticas públicas, na defesa do meio-ambiente, nas iniciativas de produção alternativa, em todos que, de diferentes formas, procuram viver a verdadeira democracia, a cooperação e a solidariedade.

Nossos compromissos

Convocamos o povo brasileiro e as Igrejas a concretizar os ideais do Jubileu bíblico, assumido por Jesus como sua missão permanente na construção do Reino de Deus. O Jubileu consiste no resgate das dívidas sociais, recriando as condições de igualdade e de liberdade na vida do povo, concretizando o propósito de

Deus: que as relações humanas sejam caracterizadas por amor, justiça e comunhão.

Convidamos a todos vocês, a todo o povo brasileiro, a assumir conosco os seguintes compromissos:

1

Com a vida: denunciaremos o neoliberalismo e tudo que atenta contra a dignidade da vida, em todas as suas dimensões;

2

Com a verdade: lutaremos pela democratização da informação, incentivando as rádios e TVs comunitárias, desmascarando a manipulação e a desinformação promovidas pelos monopólios de comunicação;

3

Com a organização e a mobilização do povo: lutaremos pelos direitos dos povos indígenas e dos remanescentes e Quilombos, por reforma agrária, moradia digna, emprego, saúde, educação, justiça, pela plena realização dos direitos humanos. Combateremos todo e qualquer tipo de discriminação e intolerância. Assumimos o Grito dos Excluídos, o Tribunal da Dívida Externa e a Campanha Brasil 500 Anos de Resistência Indígena, Negra e Popular;

4

Com a verdadeira democracia: queremos que o Estado seja um instrumento da sociedade para a sociedade. Lutaremos por uma política que garanta o exercício pleno da cidadania, contra as distorções na

representação proporcional e contra a corrupção eleitoral promovida pelo poder econômico;

5

Com um novo projeto de sociedade: trabalharemos pela instalação de uma nova ordem econômica, política, social e cultural, que rompa com a dependência frente ao capital externo, que afirme a soberania nacional, que garanta uma vida digna e com segurança para nosso povo e o futuro de nossa juventude. Que sejam definidos limites orçamentários para os gastos com o pagamento das dívidas externa e interna, compatíveis com o resgate das dívidas sociais e ecológicas;

6

Com a educação: lutaremos por um sistema educacional público, que garanta a todos os brasileiros uma educação de qualidade, fundamentada nos valores da justiça e da solidariedade. Apoiaremos as iniciativas de educação popular no campo e na cidade;

@ Dentre os problemas sociais indicados nesta carta, quais os que consideramos mais graves? Por que?

@ Quais os efeitos desses problemas na vida das pessoas e famílias da nossa cidade e região?

@ Como podemos colaborar para atenuar ou resolver esses problemas? Que ações podemos realizar? Que hábitos, atitudes, comportamentos devemos mudar?



Faltam médicos e saúde no Brasil. Para cada 10 mil habitantes o Brasil tem 13 médicos. O Uruguai tem 37, a Argentina 27, para só falar em América Latina. Talvez, por isso mesmo, segundo dados de 1994, morrem 180 crianças de 0 a 4 anos para cada cem mil habitantes no Brasil, enquanto na Argentina morrem 137, no Uruguai 90 e no Chile 73. O México é o campeão da mortalidade infantil: 260.

7

Com o direito ao trabalho: lutaremos por empregos estáveis e por salários dignos. Estimularemos iniciativas que gerem trabalho e renda para os trabalhadores e suas famílias;

8

Com a Campanha Internacional Jubileu 2000: assumiremos esta Campanha, que pede o cancelamento da injusta dívida externa. No Brasil, exigiremos uma auditoria da dívida externa, possibilitando identificar a dívida ilegítima e injusta que deve ser cancelada;

9

Com o estabelecimento de uma nova ordem internacional: lutaremos para que a globalização financeira e excludente seja substituída por uma globalização solidária e ecológica.

OÃÇANRACNEER

Rubem Alves
Poeta, Psicanalista, Escritor

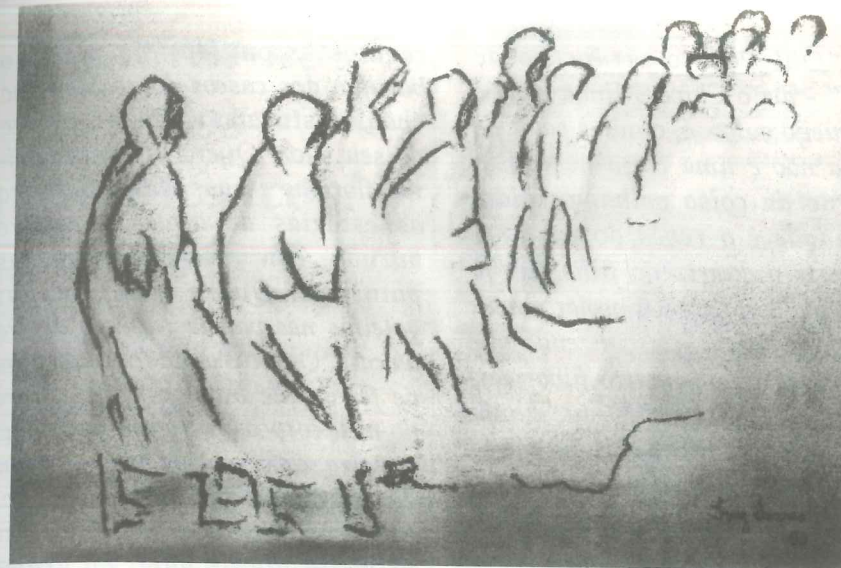
Não conheço ninguém que tenha entusiasmo com a idéia do céu. Até mesmo os mais piedosos não querem deixar este mundo e fazem a maior força para adiar o momento da partida para o prometido lugar de delícias. Preferem ficar um pouco mais, a despeito da artrite, da úlcera, da surdez, da dentadura, da urina solta. E certos estão, pois nada melhor se pode desejar que esta terra maravilhosa, com seus perigos e amenidades.

Lembro-me de dona Clara, mulher mais sábia não conheci, que cuidava da horta como de um namorado, e fazia isto louvando a Deus, sem nunca ser chata. Já velhinha, cega, na cama, sua filha lhe lia as Sagradas Escrituras, mas parece que ela não ouvia, pois a interrompeu: "Minha filha... Sei que a hora está chegando. Que pena! Este mundo é tão bonito..."

Cecília Meireles, mística, criatura de um outro mundo, conforme testemunho próprio e confirmação do Drummond, dizia que ficava a imaginar se, depois de

muito navegar a um outro mundo, em fim se chega. E tremia de medo de que isso pudesse acontecer: "O que será, talvez, até mais triste. Nem barcas, nem gaiivotas, mas apenas sobre-humanas companhias..."

Consultei a Adélia Prado, para ver se a teologia dela era de diferente opinião. E o que eu encontrei foi isto: "Se o que está prometido é a carne incorruptível, é isso mesmo que eu quero, mais o sol numa tarde com tanajuras, o vestido amarelo com desenhos semelhante urubus e, imprescindível, multiplicado ao infinito, o momento em que palavra alguma serviu à perturbação do amor". Assim quero "venha a nós o vosso reino...". Consultei os textos dos graves doutores nas coisas divinas, e em nenhum deles pude encontrar referências a um céu com tanajuras, vestidos amarelos e momentos de amor carnal. Mande os seus livros de presente para os meus inimigos e guardei o poema da Adélia.



E até mesmo Nietzsche pensou que seria bom que esta vida, com todas as suas dores e sofrimentos, não acabasse nunca, e que o universo fosse um cânon infinito, em que a vida se repetisse eternamente. Ele imaginava que cada momento deveria ser eterno, e a única forma de se conseguir isso era fazer com que o tempo fosse uma ciranda, e tudo voltasse ao princípio e começasse de novo, do jeitinho mesmo como foi.

Concordo. E até estou pensando em fundar uma nova religião, pois religião é isto, acreditar que a imaginação é forte... Desta religião a coisa mais importante será a doutrina da reencarnação - pois é isso que a reencarnação diz que o corpo é como a Fênix, ressuscita sempre das cinzas. Só que a reencarnação da minha religião é diferente daquela que anda pra frente. O que eu quero mesmo é voltar pra trás.

Andei lendo coisas espantosas da física moderna. Pois, se entendi o que li, existe um outro tempo, diferente deste do dia-a-dia, rio que nasce no passado e vai levando a nossa canoa para o futuro. Este outro tempo nasce no futuro e vai navegando para o passado...

Alegrei-me ao saber de coisa tão maravilhosa. Pois o que o meu coração deseja não é navegar para o futuro. O futuro é o desconhecido. E, por mais que dê asas à minha imaginação, não consigo amar o que não conheço. Pode ser que ali se encontrem as coisas mais maravilhosas - mas como eu nunca as tive, não posso amá-las. Não sinto saudades delas.

A saudade é um buraco na alma que se abriu quando um pedaço nos foi arrancado. No buraco da saudade mora a memória daquilo que amamos, tivemos e perdemos: presença de uma ausên-

cia. "Oh! Pedaco arrancado de mim!" - diz o Chico. Minha alma é um queijo suíço. E o que a saudade deseja não é uma coisa nova. É o retorno da coisa velha, perdida. "Saudade é o revés do parto. É arrumar o quarto do filho que já morreu...". É inútil consolar a mãe, diante do filho morto, dizendo que ela poderá ter um outro filho mais bonito e inteligente. O que a mãe deseja é aquele filho burrinho e feio - pois é ele que ela ama.

D. Miguel de Unamuno tem um livro lindíssimo com o título Paisagens da Alma. As paisagens da alma são feitas de cenários que não mais existem e que a saudade eternizou. Aquilo que o coração amou fica eterno.

Não, não quero ir nem para o céu e nem para frente. Quero mesmo é voltar para os lugares do passado que amei. Quero voltar para casa...

Quero o gemido do monjolo de minha infância e suas pancadas tristes, noite a dentro. Quero as madrugadas pelos campos cobertos de capim gordura, o borbulhar dos

regatos escondidos no mato, o barulho dos cascos dos cavalos no chão, misturado ao cheiro divino do seu suor. Quero as jabuticabeiras floridas e suas abelhas. Quero as estórias de almas do outro mundo, contadas à sombra das paineiras. Quero o barulho das goteiras nas panelas, caindo dentro da casa. Quero o apito rouco do trem de ferro, que vive apitando dentro do meu corpo. Quero um canarinho da terra, cabecinha de fogo, no galho da laranjeira. Quero o cheiro dos cadernos, livros e borrachas, no primeiro dia de aula, no grupo. Quero me assentar no rabo do fogão de lenha e ficar vendo o fogo. Quero assistir a fita em série, no Cinema Paradiso. Quero molhar os pés na enxurrada...

Se eu fosse escrever uma teologia sobre a felicidade futura, seria isto que eu escreveria: uma poesia sobre a felicidade passada... Para isso rezo toda noite: "Senhor do Tempo, põe a minha canoa no rio do passado, pois só assim haverá uma cura para a minha saudade..."

Extraído de "Tempo e Presença"



"Os que dizem que a religião e a política nada têm em comum, não sabem o que é religião". (Mahatma Gandhi).

"Não há nada mais político do que dizer que a religião nada tem a ver com a política". (Arcebispo Desmond Tutu)

"Livrai-nos dos agrotóxicos! Amém"

O Brasil não faz análise de resíduos dos alimentos.

As análises permitem identificar a presença de agrotóxicos e se o produtor respeitou a legislação sobre seu uso.

Segundo a lei, ele deveria suspender as aplicações de defensivos por um prazo de carência antes da colheita.

Anuncie em fato e razão

Seu produto, seu estabelecimento, os serviços que a sua firma oferece vão ser ainda mais conhecidos pelos milhares de leitores desta publicação.

Uma publicação diferente. Porque ela é usada como temário de debates e de reuniões de grupos de movimentos familiares. Lida e relida por muito tempo, individualmente e em grupo.

Seu anúncio vai ser lido muitas vezes.

Solicite informações, tabelas de preço e forma de envio do anúncio.

Telefone para a Livraria do MFC: (031) 273-8842

A LISTA DOS MALES

Veja alguns dos danos causados à saúde pelos agrotóxicos mais usados: organofosforados, ditiocarbamatos, piretróides, paraquat e fenoxiacéticos



Não fique assim tão sério...

Vilas-Boas Correa, o famoso cronista político do Jornal do Brasil e da TV Manchete, conta esta divertida historinha em sua coluna:

Numa pequena cidade do interior, um menino foi acusado de assédio sexual a uma coleguinha da escola primária...

Os pais da menina ficaram brabos e deram queixa ao Juiz de Menores.

O Juiz chamou os responsáveis pelo guri. Compareceu a avó, levando o réu pela mão.

Lida a queixa, a avó não teve dúvida: colocou o neto em pé numa cadeira, arriou seu calção, e exibiu ao Juiz a arma do crime: "Veja, senhor Juiz, como pode o meu neto ter molestado a menina, com essa coisinha que o senhor está vendo?!"

E sacudia a minúscula peça da anatomia do garoto, argumentando com a veemência própria de uma avó: "Como é que pode?"

Então o menino, aflito, procurou o ouvido da avó e segredou: "Vó, num sacode assim que nós perde!"



Num conto de Malba Tahan, numa cena de cidade do mundo árabe de antigamente, dois amigos conversa-

vam na praça, testando seus conhecimentos lingüísticos. O jogo era cada um dar o significado de uma palavra rara proposta pelo outro.

Um deles estava tentando mas não conseguia lembrar o que significava *fuscirrostro* que o outro lhe havia proposto. Um mendigo esfarrapado sentado na beira da calçada virou-se e disse: "É qualquer ave que tem bico pardo". Ficaram espantados mas continuaram o jogo. Era a vez do amigo. Surgiu a palavra *frinaglossa*. O outro coçava a cabeça, sem se lembrar o significado. Depois de algum tempo de esforço de memória sem resultado, o mendigo voltou a se meter no jogo dos dois. Lá de onde estava falou: "É todo tipo de batráquio semelhante aos sapos mas sem língua".

Com essa nova intervenção os dois amigos tiveram a certeza de que se tratava de um *ulemá* (sábio) disfarçado, ou desequilibrado ou que escolheu esse tipo de vida excêntrico por algum motivo superior. Resolveram convidá-lo para ir à casa de um deles, para tomar um banho e ganhar roupas novas. O mendigo aceitou e mais tarde já estava jantando com fartura, de roupas limpas e banho tomado. Na conversa ainda testaram a sabedoria do estranho personagem. "Amigo, duvidamos que saiba o que

significa *franduno*". O mendigo respondeu pronto: "É aquele que despreza os costumes do seu país e adota os de outro".

Já não havia mais dúvida. Ali estava um sábio disfarçado de mendigo. Nessa noite, ele dormiu em cama confortável, para ser apresentado, na manhã seguinte aos mestres da universidade da cidade.

Ao passarem pela praça, outro mendigo cumprimentou o sábio, espantado com aquela transformação. Puxou conversa. Há anos mendigavam juntos pela cidade, depois de passarem também juntos, mais de dez anos de prisão, nas masmorras do sultão. A surpresa maior era dos dois amigos que levavam o sábio aos mestres da universidade. Como poderia um homem tão sábio ter sido um prisioneiro comum, ao lado daquele novo mendigo que acabava de entrar no episódio? Esticaram a conversa. Finalmente descobriram o que havia acontecido.

Prisioneiros num cárcere infame, durante aqueles anos nada tiveram para ler na prisão a não ser as folhas amassadas da letra F de um velho dicionário lá deixadas por algum prisioneiro anterior. Assim, os dois leram e releram durante todo o tempo essas folhas preciosas, para não enlouquecer. Tornaram-se sábios da letra F, ou "efélogos"...



Duas "socialites" muito conhecidas e constantes presenças nas colunas sociais dos nossos jornais são

rivais e inimigas ferozes. Não perdem oportunidades para lançar farpas maldosas, uma contra a outra.

Numa recepção super badalada, as duas se viram frente à frente. Uma delas exibiu um vestido criado por um dos mais famosos costureiros da alta sociedade. A parte superior do vestido era totalmente transparente (última moda!), sem qualquer peça interior de proteção da anatomia da distinta dama.

A rival foi à forra: "Querida, você está linda mas, depois dos 40, transparências só de personalidade e caráter..."



A formiga trabalhava duro, de sol a sol, enquanto a cigarra cantava e folgava. A formiga aconselhava à cantora:

"Se você não trabalhar agora, vai passar fome no inverno!" - mas sem resultado.

Chegou o inverno. O formigueiro está fechado, bem abastecido de farto alimento. A formiga se preocupa com o que estará passando a cigarra, coitada, tão imprevidente. Então batem na porta, a formiga abre e a cigarra entra, vestida num casaco de peles, colar de pérolas, super produzida.

"Vim me despedir, minha filha. Vou para Paris, casar com um empresário que se encantou com o minha voz".

Pensamentos de raiva e frustração sobem à cabeça da formiga.

"Está bem. Mas já que você vai pra Paris, procura por lá o La Fontaine e diz pra ele mudar de profissão e parar de escrever essas fábulas bobocas!"

São muito antigos os
preconceitos machistas sobre a
mulher, ao longo da História,
nas sociedades e na Igreja

Mulher: sombra secular à busca de seu legítimo contorno

Neide e Itamar Bonfatti
Ex-Presidentes Nacionais do MFC

Durante séculos, mundo-Igreja Histórica estiveram intimamente unidos. Este mal estar veio até o advento da Renascença que, por sua vez, modificou o rodar do mundo. Atropelou a Igreja que, em tempos de cristandade - momento do seu envolver com príncipes e reis - viu o iniciar e o desenvolver do pensamento cada vez mais independente dela. Estava acontecendo o processo inicial de secularização e, com ele, a laicização.

Numa compreensiva e explicável auto-defesa, a Instituição se fechou em sistema engessado de pensamento, aliás contaminado pelo cristianismo medieval, nessa altura sincrética e atavicamente depositário de valores pagãos naturalmente absorvidos durante séculos através do contato

com os gentios. Assim, de forma dolorosa - afinal é tarefa difícil suportar a perda de *status* e poder - a Igreja teve de enfrentar um fenômeno inevitável: o mundo passara a caminhar em direção à sua maioria e... fora de sua influência!

Renascença e Capitalismo

A Renascença abriu, entre outras, a consciência de conquista da liberdade em todas as áreas, sobretudo, ainda que muito lentamente, o espaço de consciência inicial dos Direitos Humanos. O fenômeno começou assim e acabou se espalhando em claridade para outros povos.

Posteriormente, na linha da continuidade, expande-se o capitalismo das grandes navegações do século XV, transformando a economia do Ocidente. Tanto amargo para os católicos, como fácil foi de se entender o começar a difusão do sentido de humanização acima mencionado, realizado não poucas vezes em oposição ao conservadorismo social e político de então. Daí não é para se admirar o fato de que até bem pouco tempo a defesa e a luta pelos referidos direitos foram sinônimos de anticlericalismo.

Avaliando a História sob este ângulo do contexto, torna-se claro entender - citando apenas um exemplo de passagem - por que a condenação ao escravagismo a partir da Igreja Oficial, data somente do século passado. Em nosso país, citando outro exemplo, a Lei Áurea aconteceu em maio de 1888 e a Carta Encíclica de Leão XIII aos bispos do Brasil, "In Plurimis", chegou aqui datada de cinco de maio daquele ano, portanto oito dias antes do Parlamento brasileiro extinguir aquela nossa mancha. Nela, o papa exortava nosso Episcopado para que se posicionasse contra o "lamentável espetáculo... que permitia aos senhores permutarem seus escravos, vendê-los, entregá-los em herança, bater-lhes, matá-los, abusar deles para as suas paixões e para a cruel superstição" (In Plurimus, 10). Foi, ainda que tardia, uma insistência e ratificação ao que os próprios bispos brasileiros já haviam feito em Carta Pastoral um ano antes.



Foi preciso sair o
Manifesto Comunista
para que, ainda que
bem mais tarde, a
Igreja assumisse a
defesa das classes
operárias

O Manifesto Comunista

Não é mistério para ninguém – embora sempre camuflado nas informações oficiais – que foi preciso acontecer o Manifesto Comunista editado e anunciado em Bruxelas (1948) para que oficialmente também viesse à tona a primeira tomada oficial da Igreja em defesa das classes operárias: publicada foi a Encíclica “Rerum Novarum”, de autoria do mesmo Leão XIII (1891), só que... quarenta e três anos depois!

Já havia aquela questão – parodiando título de livro muito conhecido – que o poder na Igreja Histórica, considerando os limites e acanhamentos das instituições humanas, sempre caminhou e caminhará na retaguarda do carisma da Igreja de Deus. Trata-se, como se sabe, de limitação muito humana, própria mesmo da Santa e Pecadora Igreja dos Homens, infelizmente muito mais impermeável que a Igreja de Jesus Cristo.

Contudo, o Espírito Santo de Deus reservava um grande acontecimento para a sua Igreja, fato histórico que viria na Segunda metade do século XX, evento quando uma geração de teólogos fez tremendo esforço para dialogar com o mundo moderno, com suas luzes e sombras: aconteceu o Concílio Vaticano II!

Foi necessária parada grande (1960-1965) para que houvesse, dentro da Igreja, consciência maior da sua grande exclusão dentro do

tempo. Mas aconteceu. É a tal coisa: oxigenando-se posições até certo momento inflexíveis, quando isto acontece, tal inflexibilidade começa a respirar melhor.

O muito saudoso Papa João XXIII convocara aquele Concílio sabendo muito bem dos desdobramentos que dele adviriam. Recordando. Fora dos plenários conciliares, entre outros profetismos, o mesmo papa fazia publicar uma encíclica sua onde chamava a atenção para três acontecimentos grandes naquela segunda metade do século: a tomada de consciência dos jovens, a tomada de consciência dos países subdesenvolvidos e a **tomada de consciência da mulher**, esta última centro da abordagem que aqui se pretende fazer. No documento conciliar “Gaudium et Spes”, a Igreja também interrogaria sobre esses três acontecimentos que estavam na superfície da História, pedindo aos cristãos e ao mundo que também fizessem o mesmo. (GS 44).

Mulher, essa sempre “de menor idade”...

De fato, a varredura de Igreja provocada pelo Concílio, matriz das inquietações e alegrias que geraram a própria “Gaudium et Spes”, motivou revisão e alegrias. Destacam-se, entre outras, as fontes doutrinárias que enfocavam a concepção alienante da mulher, a partir do momento em que se percebeu não ser cristão e nem mesmo ético

esse tipo de concepção, mantida durante séculos, pela Igreja Oficial. Além do mais, começou a ficar claro também que os pressupostos teológicos ao redor da antropologia sobre a mulher se mostravam totalmente ultrapassados. Afinal, não poucas vezes haviam sido elaborados a partir de uma teologia que mantinha a mulher sob foco totalmente abstrato.

Fácil de se explicar historicamente: evitava-se reflexão mais aprofundada do feminino e quando se tentava revê-lo na presença da mulher na Igreja, usava-se o álibi pretensamente maior, qual seja, a idealização do próprio *feminino*. Sobre tudo no Ocidente, onde havia uma certa insistência em confiná-lo reduzi-lo àquela sua função natural, vale dizer, à procriação. Tal contradição foi sendo agudizada nestes últimos tempos pelo perceber cada vez maior do mesmo contraditório no questionamento: se a procriação seria a única finalidade da mulher e se essa visão não bateria de frente com os direitos humanos.

Neste crescendo, foram ficando cada vez mais compreensíveis as dúvidas levantadas, pois não se tratava de diminuir ou denunciar a maternidade e sim denunciar a exploração, não poucas vezes hipócrita, que insistia em manter a mulher como menor.

É de todos conhecida a utilização rotulada tantas vezes de “etiqueta” – muito da ética burguesa – que sutilmente reforçavam a concepção de mulher como incapaz.

O Concílio Vaticano II promoveu uma varredura eclesial, superando antigas visões ultrapassadas, recolocando a Igreja presente e em diálogo com o mundo

Criaram-se “formas elegantes e cavalheirescas” – pode haver coisa mais medieval? – que têm servido, inconscientemente ou não, àquela dominação repetitiva na História. Afinal, na sociedade pós-feudal, “nada mais frágil” do que a mulher, fato que, por sinal, o consumismo hoje tem dado... boas vindas! Neste raciocínio maquiavélico, era e é fundamental conceber a mulher como objeto e com isso passa a ser importante a rentável “ideologia do paparico”.

Mulher como objeto

Os acessórios históricos deste diminuir a **mulher** como pessoa humana ganhou vários matizes. Alguns até com ares científicos! São de todos lembradas as posições um tanto behavioristas muito próprias da nossa funcionalista e capitalista cultura ocidental, impregnada que foi dos pensamentos pagãos, notadamente neo-platônicos. Nela o ser humano era considerado sem levar em conta o seu caráter sexuado,

Numa visão maniqueísta que impregnou a Igreja no passado, a mulher representava a impureza...

diferente, portanto, da visão bíblica em Gn 1,27, que dá primordial importância à sexualidade, vale dizer – no enfoque aqui pretendido – à pessoa humana e não necessariamente a determinado sexo.

Não podemos nos esquecer – continuando a chamar a atenção dos equívocos – que o cristianismo historicamente nasceu e se expandiu na civilização rural mediterrânea. Fácil se torna assim o entendimento a respeito dos equívocos sobre a postura feminina, identificada que foi exclusivamente com o ritmo da Natureza. Recorda-se aqui que o mundo agrário não é o criador e transformador como o mundo industrial. Naquele, a mulher é muito percebida e identificada com a Mãe-Terra. Impensável logicamente colocar esta visão hoje, dentro de nosso mundo de economia preponderantemente industrializada e urbana. Na cultura mediterrânea referida antes, por ser identificada com a terra produtiva, a perspectiva para a mulher estacionava na passiva condição de parideira.

Também logicamente escapava daquele mundo rural que o *ser masculino* e o *ser feminino* são

maneiras de ser pessoa humana. Não se percebia que o ser humano não se realizava apenas em um dos sexos. Ao contrário, poderia viver tal realização na plenitude da posse dos seus direitos, cumprindo a sua originalidade e preservando a sua identidade de pessoa que é.

Mulher como impura

Omitida aqui não poderia ficar a poderosa corrente pessimista de tonalidade maniqueísta que atravessou séculos de reflexão cristã a respeito da pessoa humana. Nela a mulher, para muitos teólogos e padres da Igreja – estender isto à sociedade de então – representava a impureza. Recapitemos algumas colocações interessantes.

Para Santo Ambrósio (ano 340-397), a distinção sexual foi criada por Deus apenas como previsão do pecado original, assim como para São Rogério de Nissa (333-395): se o estado de inocência houvesse perdurado, certamente Deus teria promovido a multiplicação da espécie humana através de outro meio que não as relações sexuais. Bom ficar assentado que estamos falando de um tempo (século IV) quando as mesmas relações sexuais eram identificadas com o pecado original! Entende-se, assim, perfeitamente, por que até o século XIII a “impureza da mulher” – teria sido atavismo levítico? – ia até o cerimonial da convalescença do pós-parto. Não é de se estranhar, no então, exigências de abstinência sexual dos casais, também durante

alguns períodos litúrgicos! Diga-se, de passagem, histórica exceção sobre a mulher naqueles dias idos: aconteceu São Bernardo (1005-1113), surpreendendo o seu tempo ao interpretar de forma singular, naquele contexto, Gn 3,6. Disse ele que Eva simplesmente oferecera o que realmente estava proibido, não obrigando, entretanto, Adão a comê-lo. Se ele assim o fez foi por opção, não por imposição da mulher. Naquele século XI – ainda citando e lembrando São Bernardo – foi ampliada a exegese a respeito da mulher: os dons do Espírito foram concedidos inicialmente ao feminino, uma vez que imediatamente após a ressurreição, Jesus manifestou-se antes às mulheres e não aos homens (cf. Sandibus Virginis Matrix II,6; IV,24).

Bom o leitor não ficar muito admirado porque foi somente com a Encíclica “Casti Conubii” (Pio XI, 1931) que aconteceu a admissão oficial da Igreja, ao afirmar ela que a missão procriativa não era a única função do casamento. Muito provavelmente a teologia até então reinante continha ainda fortes influências daquela afirmação de ser a vida religiosa a forma mais perfeita de vida, condicionando, assim, a vivência espiritual privilegiada aos sacerdotes e freiras! (cf. Summa Theologica, a.ad 1). De certa forma, até coerente: cria-se piamente que através do sexo a pessoa e a sua natureza tornavam-se corrompidos. Mais. Vivia-se, ainda, o inconsciente distorcido de que o desejo sexual possibilitava a insta-

bilidade que paralisaria a razão (cf. Summa Theologica III q.65^a 1 ad 5). Tais pressupostos teológicos sobre os quais repousa ainda a idéia tradicional de mulher – mesmo considerando o contexto de então – parecem estar no inconsciente coletivo nos dias de hoje. Mesmo assim, é fundamental voltarmos no tempo, quando tudo isto era colocado como verdade. Necessário fazer este retrocesso para não se cair no caminho dúbio, às vezes até cômico!

Imbecilidade da Natureza

Voltemos a Santo Tomás de Aquino, teólogo de tanta influência no pensamento da Igreja. Para ele. A mulher seria um ser, por natureza, incapaz de autonomia e independência (cf. S.T.1,92 art.1). Chamava-se tal fato, na mulher de... “imbecillitas naturae”, que aliás afetava também o corpo e a alma feminina (cf. id. Supp.2.81 art.3 ad 2). Tal afirmação retirava da mulher qualquer responsabilidade política (cf. ib. q.105 art.2 ad 1), como levava também à lógica proibição da mulher de ter quaisquer chances no ensinar da Igreja e evidentemente de receber o Sacramento da Ordem (cf. id. Supp.2.39 art.1) ou mesmo outras atividades institucionais (cf. Supp.2.39 art.3). Afinal, consoante o próprio Santo Tomás, tanta fraqueza e incompetência feminina foi porque a mulher havia sido seduzida pelo demônio no paraíso terrestre (cf. id. II.00 a 165 art.2).

Soltando-se o imaginário dentro destes prolegômenos, pode-se entender perfeitamente a preparação que foram eles dos degraus superiores de uma sociedade ao mesmo tempo brutal e requintada, chamada feudal pela História. Aquela mesma sociedade de tempos muito passados, quando os historiadores não davam à mulher nem rosto nem corpo. Por isso mesmo, não se poderia realmente descobrir nela a sua fisionomia própria. Afinal, as mulheres eram sombras sem contorno, sem profundidade de voz. Tempo quando virgens eram mantidas sob rigorosíssimo controle dos pais, as esposas sob os maridos e as viúvas encerradas nos mosteiros. Enfim, perfeitamente lógico porque era tempo de o Direito canônico rejeitar depoimentos femininos porque a mulher portava "deficiência em sua capacidade de raciocínio" (S.T. Supp.q.39 al).

Para se entender hoje, melhor ainda, esta sexologia canhestra, basta lembrar que o fenômeno da ovulação foi observado somente no século passado (K.E. von Baer, 1827), tempo ainda de visão do mundo microscópico bem empírica dos tecidos humanos. Sem falar que os primeiros estudos sobre hormônios tiveram início no princípio deste século que agora finda. Até então, na concepção limitada da fisiologia, acreditava-se que a mulher era apenas um receptáculo passivo e que, dentro dela, através da ejaculação, era colocado, já formado, o homúnculo – como era chamado o embrião – que em seu útero cresceria, formando posteriormente um feto.

Na concepção muito acanhada de tempo bem pretérito – retornando a Santo Tomás, (cf.I.Q.92 art.1e 99 art.2), o sexo feminino surgia, ou por deficiência do esperma ou do próprio corpo da mulher. Justificava-se, assim... a "imbecilidade feminina". Aliás, em função das limitações embriológicas, ela era considerada um... "macho falho" e definitivamente empobrecido. Neste esquadro minúsculo poderemos colocar a sua fraqueza física e a fraqueza de vontade, aliás argumentos fortes para a existência da... "proteção masculina". Não incluir a mulher na construção do mundo, obviamente até tinha sentido, sobretudo a sua não-participação mais direta nas atividades da Igreja Institucional.

Insiste-se mais uma vez – perdão pelo repetitivo! – na total impossibilidade de se criticarem os teólogos de uma época. Os fatos aqui exaustivamente citados, tão elementares à vista do hoje – chegando mesmo às vezes ao grotesco e insólito – aconteceram dentro de um contexto histórico bem distante do nosso tempo. Provavelmente teólogos de lá, bem atrás de nós, no espaço, é que poderiam nos criticar – pessoas que somos da era robótica – pelo fato de mantermos certos ranços, ainda que subliminares ou sob qualquer outra forma de pensamento – posturas discutíveis em relação à mulher, não obstante todos os avanços últimos nas áreas da biologia e da psicologia, assim como nos estudos de sociologia e antropologia.

Aliás, nesta linha de pensamento, torna-se cada vez mais desocultada a teologicamente insustentável negação do Sacramento da Ordem à mulher. Com o tempo passando, tal atitude se mostra num crescendo como sempre foi: nada mais que um sectarismo arraigado ou com o passar dos séculos, um atavismo cultural vindo lá bem dos antepassados. Já é sem tempo de se ter acessos de franqueza para aprofundar esta realidade. Mesmo porque o mundo continua rodando, por não poder parar... ainda que queiramos descer!



Religiões guerreiras e o Deus da Paz. Na realidade atual, mais de metade das guerras que infestam o mundo têm motivações religiosas. Judeus contra islamitas, hindus contra muçulmanos, muçulmanos fundamentalistas contra muçulmanos não-fundamentalistas e não-crentes, protestantes contra católicos, católicos contra ortodoxos ou muçulmanos... As religiões que deveriam ser fermentos de paz acabam inspirando fanatismos, violência e morte. Se hoje é assim, na História foi pior. Quantos crimes se cometeram em nome de Deus. Neste ano, a França comemora os quatrocentos anos do "Edito de Nantes", de 1598. O país tinha vivido quase quarenta anos de guerra entre católicos e protestantes. Em 1572, na famosa "Noite de São Bartolomeu", que se prolongou por mais dois dias, os católicos assassinaram aproximadamente 70 mil pessoas, protestantes ou suspeitas de protestantismo. A corte francesa exultou. Em Roma, o papa Gregório XII celebrou um culto de ação de graças (Te Deum) pela vitória. Para a maioria das pessoas, a fidelidade à sua fé se verificava pelo combate a qualquer um que professasse a fé de modo diferente. Na sociedade, a religião legitimava o poder político. Confundiam-se os interesses dos reis com os interesses de Deus. Somente em 1598, o Edito da Tolerância entre católicos e protestantes foi promulgado, e assim mesmo por interesse político. Os 400 anos do Edito de Nantes deve ser uma forte motivação para que acabem de vez as guerras e conflitos por razões religiosas. Líderes religiosos, como João Paulo II, insistem: "Nenhuma guerra é santa ou justa. Só a paz é um caminho justo para a humanidade. A Paz é um nome de Deus". (Declaração do X Encontro dos líderes religiosos pela paz, Roma, 1996).

O protagonismo dos leigos é proclamado pelos Bispos em Santo Domingo, mas ainda há um longo caminho a percorrer...

O papel dos leigos

Frei Betto
Escritor

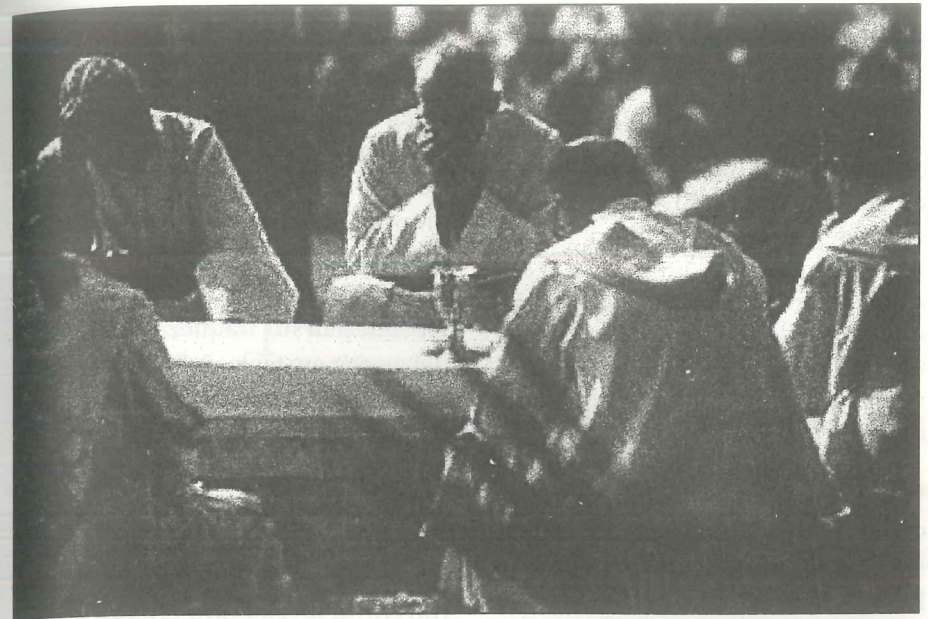
A desarticulação da Ação Católica e de seus movimentos especializados (JAC, JEC, JUC, JIC) nos anos 60, por iniciativa dos próprios bispos, deixou um vazio que até hoje não foi preenchido. As pastorais universitária e juvenil estão longe de exercer uma atividade evangelizadora com a contundência demonstrada pela Ação Católica.

Há novos movimentos leigos, uns centrados em tarefas assistencialistas, outros na experiência carismática. São exceções os que procuram articular sua vivência de fé com o engajamento político, a proclamação de Jesus com a luta pela justiça, como é o caso das pastorais sociais, das comissões de Justiça e Paz, da Renovação Cristã e de setores do Movimento Familiar Cristão. Os carismáticos correm o risco de repetir o fenômeno do Cursilho de Cristandade, modismo religioso dos anos 60/70. Um Deus pronto-socorro para necessidades individuais,

espécie de telecéu que atenderia demandas através de orações.

Não é bem o que o Evangelho propõe. A marca do cristão é sair de si para o outro, não estabelecer com Deus relações de "dá cá, toma lá", nem esperar que milagres aconteçam como se a meteorologia celestial fizesse chover sobre os bons e castigasse os maus com a seca.

Falar em nova evangelização faz supor que algo precisa mudar em nossa velha maneira de evangelizar. Os evangelhos sintetizam a mensagem de Jesus na expressão "Boa Nova". Algo pode ser bom e não ser novo. E há muitas novidades (nessa pretensa onda pós-moderna) que não são boas. Uma coisa é boa se enriquece a nossa qualidade de vida. E nova - ainda que tenha a idade de 2.000 anos - se nos motiva a renascer e mudar o velho rumo de nossas vidas.



A Eucaristia é a celebração da partilha dos frutos da natureza e do trabalho dos homens, e celebração da comunhão entre todos: então é alimento da coragem de viver o que nela se celebra.

Ninguém lê o Evangelho sem que o texto (de sempre) seja articulado com o contexto (de agora). Por isso, não se deve esperar que uma monja européia faça a mesma leitura da Bíblia que a freira latino-americana. Se isso ocorre, é porque uma das duas ignora o seu próprio contexto e adota, como seu, um contexto que lhe é estranho. Essa é uma forma de interiorizar o colonialismo. Incorrem nesse erro o negro que lê a Palavra com os olhos do branco; a mulher, com os olhos do homem, o leigo, com os olhos do sacerdote.

Se uma das primeiras exigências da nova evangelização é a inculturação, isso significa que devemos resgatar nosso contexto ao ler e meditar o texto. Se o indígena da

Amazônica não se encontra no Cristo que lhe é anunciado, é sinal de que as suas raízes e a sua cultura estão sendo negadas pelo evangelizador.

A característica da espiritualidade de Domingos de Gusmão, fundador da Ordem Dominicana, é ser contemplativa. Nele, como em Jesus, não haveria a divisão entre ação e contemplação. Eram duas faces de uma mesma moeda. Aqueles que são considerados "ativos" podem incorrer no risco de atribuírem aos "contemplativos" o cuidado da oração. De fato, a vida ativa sem oração é o mesmo que pretender viajar num carro sem combustível. Se o veículo desce uma ladeira, o motorista não percebe que a gasolina acabou. Quando chega a

subida, a dificuldade, então ele se dá conta de que, há tempos, o tanque está vazio...

A oração é imprescindível a todo cristão. Se há "ativos" que descuidam da contemplação, a recíproca não é verdadeira. Todo contemplativo é necessariamente um ativo. Nos estreitos limites de uma clausura há um universo infinito de trabalho, de afazeres domésticos, de estudos, de correspondência, de decisões éticas e amorosas.

Na linha de Jesus, Domingos propôs a comunidade contemplativa como núcleo de irradiação apostólica. Na vida dominicana, só se é contemplativo quando se entra na casa de oração para, dali, compartilhar todas as alegrias e tristezas, angústias e esperanças do mundo. Quando oramos, não é o nosso conforto espiritual o que importa primeiro. É a abertura da humanidade à graça divina que se derrama abundante, instaurando a justiça e a paz. Assim, nossa oração deve ser também inculturada. Jesus rezava os salmos judaicos, freqüentava a sinagoga, inspirava-se em Isaías e nos profetas. Do mesmo modo, devemos rezar a cultura do nosso povo, vestindo os seus trajes, comendo a sua comida, reproduzindo os seus gestos, dançando a sua dança. O que não é assumido, não é redimido.

Na segunda parte do Pai Nosso, Jesus demonstra seu modo de assumir (inculturar-se) a esfera dos excluídos. Começa por sublinhar o "pão nosso". Só quem luta para que o pão seja de todos ("nosso"), e não da minoria abastada, deve se sentir no

direito de chamar Deus de "Pai Nosso". Jesus identifica-se com os carentes, irmana-se com os famintos ("dai-nos o pão de cada dia"), com os pecadores ("perdoai as nossas ofensas"), com os perseguidos e caluniados ("assim como perdoamos a quem nos tem ofendido"), com os que reconhecem sua fraqueza ("e não nos deixes cair em tentação") e com os que se sentem atraídos pela maldade ("mas livrai-nos do mal").

Na oração, inculturar-se é colocar-se no lugar da grande maioria de despossuídos da Terra: os pobres; os que sofrem discriminação racial; os imigrantes rejeitados; os doentes desprezados; etc. Rezar a partir da paixão de Jesus que se prolonga na história dos oprimidos. Mas rezar com indignação e protesto, como os salmistas; com esperança, como os profetas; em profunda comunhão com todos que vivem na carne e no espírito as bem aventuranças. Sobretudo, deixar que o Santo Trio reze em nós. E que, no vazio de si mesmo, cada um seja simultaneamente latino e africano, aidético e deficiente mental, muçulmano, bósnio, somali, cubano e criança abandonada nas ruas do Brasil.

Então, o eu cederá lugar a Ele, e este Outro fará com que o nós antecipe, na fé, a comunhão trinitária. Assim, a contemplação será missionária, profética e solidária.

Dê de presente uma assinatura de

fato e razão

"Famílias cristãs comprometidas com a humanização de todas as famílias do mundo"

"Repensando o MFC no Brasil e no mundo"

Helio e Selma Amorim, Mariana Miranda

Então aconteceram os dois grandes Encontros. O primeiro, Nacional, em Juiz de Fora; o segundo, Mundial, em Bangkok, Tailândia, do outro lado do mundo. Mesmo tema e motivação: repensar o MFC, nesta passagem de milênio, para que ele seja uma resposta cada vez mais verdadeira às necessidades e expectativas reais das famílias concretas do Brasil e do mundo inteiro.

Para isto, era preciso conhecer melhor as famílias a quem o MFC quer servir. Só visitando-as e conversando com elas isto seria possível, naturalmente. Então foi realizada uma pesquisa, através de entrevistas pessoais e com base em roteiro bem elaborado, com a assessoria de profissionais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Dezoito países realizaram a pesquisa. Só no Brasil foram entrevistadas mais de 3000 famílias.

As indicações dessa pesquisa foram surpreendentes em muitos

aspectos e confirmaram o que se esperava em outros tantos.

Muito ainda vai-se escrever sobre os resultados desse trabalho. Não podem mais ser ignorados por quem tem a responsabilidade de elaborar políticas sociais e pastoral familiares. Vão permitir respaldar as propostas do MFC a governos e Igreja, no Brasil e nos demais países que realizaram a pesquisa. Os que não o fizeram, serão motivados a realizá-la nos próximos meses, para ampliar-se o universo de realidades nacionais investigadas.

No Encontro de Bangkok, a comparação dos resultados foi extremamente rica, ressaltando as diferenças culturais, a perversa concentração de renda neste planeta (a renda familiar de 1000 dólares define, para os norte-americanos, a classe mais pobre; e para os africanos, a classe mais rica) e a coincidência das maiores preocupações ou problemas das famílias ao redor do mundo

do mundo (desemprego e alcoolismo).

A partir do conhecimento da realidade, colocou-se o questionamento: o MFC, tal como é, e no que faz, está adequado às necessidades e expectativas das famílias concretas? O que deve ser mantido, aprofundado, intensificado pelo MFC, em seu Ser, sua Vida, sua Ação? O que deve ser mudado? O que não se faz mas deve ser feito?

As respostas apontam para um MFC renovado, rejuvenescido, mais aberto a todas as famílias, sem discriminações, mais comprometido com os problemas sociais, políticos e econômicos que as afetam. Também mais comprometido com as aspirações dos jovens e com a utopia ecumênica. Os muitos jovens participantes do Encontro Nacional souberam ampliar e ocupar seu espaço, proclamando sob aplausos suas reivindicações como membros do MFC. E foi inesquecível o encerramento solene do Encontro, pela primeira vez com um belo culto ecumênico, celebrado pelos sacerdotes assessores do MFC, pastores de confissões luterana, presbiteriana e congregacional, com o bispo católico local, todos partilhando fraternalmente o ato simbólico da unidade na diversidade: uma planta que precisava de água para sobreviver, colocada num vaso de vidro, na mesa da celebração, foi regada por todos os participantes do culto, depois das leituras e da pregação da Palavra. Todos entenderam e viveram intensamente esse momento forte de unidade na mesma fé, enriquecida pela diversidade de expressões.

Foi assim que aconteceu o VII ENCONTRO MUNDIAL DO MFC

Bangkok, Tailândia.

28 a 31 de julho de 1998

Tema:

MFC Renovado 2000
*"Famílias cristãs
comprometidas com a
humanização de todas as
famílias do mundo"*

Base do trabalho:

Pesquisa Mundial sobre a Família
realizada por 18 países.
Metodologia participativa.

Participantes:

120 delegados do MFC dos
seguintes 19 países:

América Latina

Brasil, Costa Rica e Honduras.

América do Norte

Estados Unidos.

Europa

Portugal, Espanha, República
Checa, Lituânia, Malta, România,
República Eslovaca.

Ásia

Hong Kong, Tailândia, Filipinas,
Japão, Índia, Sri Lanka, Singapura,
Coreia do Sul.

Comitê Organizador

Infra-estrutura:

Noppadorn e Elma Muangkroot

Coordenação Geral:

Nice e Lilia Austriaco

Pesquisa e Metodologia:

Helio e Selma Amorim

E foi assim que aconteceu o XIII ENCONTRO NACIONAL DO MFC

Juiz de Fora, MG

19 a 23 de julho de 1998

Tema:

*"Repensando o MFC:
um novo tempo"*

Base do trabalho:

Pesquisa Nacional sobre a Família
realizada nas cinco regiões do país.
Metodologia participativa.

Participantes:

450 delegados do Amazonas, Pará,
Maranhão, Amapá, Ceará, Alagoas,
Sergipe, Bahia, Mato Grosso, Mato
Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito
Santo, São Paulo, Rio de Janeiro,
Paraná, Santa Catarina, Rio Grande
do Sul.

Coordenação Geral

Infra-estrutura:

Luiz Carlos e Rita Martins

Conteúdo e Metodologia:

Carlos e Magda Hita



Mariana Miranda apresenta o Informe Continental do MFC Latino-Americano, na Assembléia de Bangkok.

No Encontro Mundial, num país em que o budismo é a religião de 90% da população e os católicos não chegam a 1%, o simbolismo maior ficou com a confraternização de famílias de diferentes idiomas e culturas, que solenemente assumiram o compromisso com a humanização de todas as famílias do mundo, sem discriminações.

Humanização, centro do Projeto de Deus, foi, na verdade, a palavra-chave no Encontro Nacional de Juiz de Fora e no Encontro Mundial do MFC, nas terras distantes da Tailândia.



Participantes do VII Encontro Mundial de Famílias em Bangkok, Tailândia, Julho 1998

Paraliturgia para um encontro de cristãos

Preparação da celebração

1. Na entrada do local da celebração, serão colocados, antes da chegada dos convidados, obstáculos aos passos dos que chegam: pedras, galhos de árvores, sucata... etc. As pessoas terão que passar por esses obstáculos para entrar no local da celebração. Os mais idosos ou que tiverem alguma deficiência física serão ajudados pelos demais.

2. Será preparada uma mesa muito bem decorada com flores, como se fora um altar, sobre a qual haverá seis cestas cheias de pães bem pequenos (ou pedaços de pão), em quantidade um pouco superior ao número de participantes; e seis taças de vinho (de pedra sabão ou cerâmica ou cristal), mais algumas jarras de vinho para reabastecer as taças que circularão entre todos.

3. Ainda sobre a mesa, um círio (que permanecerá aceso durante toda a celebração) e seis recipientes (também de pedra, cerâmica ou cristal) com água misturada com perfume e pétalas de flores, para a unção da paz.

4. Para os dois leitores, duas estantes, uma de cada lado da mesa, sobre as quais estarão as bíblias para as leituras (Bíblia Pastoral).

A Partilha: Sinal da Nova Terra

C - Celebrante
L1 e L2 - Leitores
CH - Coro dos homens
CM - Coro das mulheres
A - Assembléia.

Acolhida

C - Caríssimos amigos, irmãos em Nosso Senhor e Nosso Irmão Jesus Cristo. Estamos aqui reunidos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo de Deus. Começemos o nosso dia ouvindo a palavra das Escrituras.

L1 - Leitura do Apocalipse, que significa Revelação, escrito por João. (Ap 21,1-5).

"Vi então um novo céu e uma nova terra. O primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, uma Jerusalém nova, pronta como a esposa que se enfeitou para o seu marido. Nisso, saiu do trono uma voz forte. E ouvi: *Esta é a tenda de Deus com os homens. Ele vai morar com eles. Eles serão o seu Povo e ele, o Deus-com-eles, será o seu Deus. Ele vai enxugar toda lágrima dos olhos deles, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem dor. Sim! As coisas antigas*

desapareceram. Aquele que está sentado no trono declarou: *Eis que faço novas todas as coisas*".

Reflexão

C - Irmãos: estamos aqui reunidos num espaço de paz, fraternidade e amor, prenúncio e antecipação do mundo novo, da nova terra prometida.

Para chegar a esse espaço tivemos que vencer obstáculos que sempre atravancam nossos caminhos em direção à nova terra.

O que representam esses obstáculos simbólicos nos quais tropeçamos para chegar a este lugar de paz, fraternidade e amor?

(Respostas espontâneas)

C - Vamos ouvir um pouco mais das revelações que João nos apresenta no Apocalipse, ao descrever a Cidade Santa, a Nova Jerusalém (Ap 21,22-27).

L2 - "Não vi na Cidade nenhum Templo, pois o seu Templo é o Senhor, o Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro. A Cidade não precisa do sol nem da lua para ficar iluminada, pois a glória de Deus a ilumina e sua lâmpada é o Cordeiro. As nações caminharão à sua luz, e os reis da terra trarão a sua glória para ela. Suas portas nunca se fecharão de dia - pois aí nunca haverá noite - e a ela trarão a glória e o tesouro das nações. Nela, jamais entrará qualquer imundície, nem os que praticam abominação e mentira. Vão entrar somente aqueles que têm o

nome escrito no livro da vida do Cordeiro".

Diálogo dos coros

C - A Nova Terra é dom e tarefa. O Povo de Deus, do qual somos parte, é convocado para conquistá-la e tornar realidade a promessa do Senhor, proclamada por João.

CM - A Nova Terra é dom e tarefa. Dom de Deus, / tarefa dos homens e mulheres, / por Ele criados.

CH - A Nova Terra é o mundo novo / que homens e mulheres edificam / quando lutam pela justiça / quando constróem fraternidade.

CM - Não é ainda, / a Nova Terra, / a terra em que vivemos, / por nossa culpa, / por culpa de todos.

CH - Os produtos da terra / pertencem a poucos. / Por poucos / são consumidos.

CM - Os produtos do trabalho dos homens / pertencem a poucos. / Por poucos são consumidos.

A - A terra é destruída. / O trabalho é explorado / comprado por baixo salário.

CH - Um sistema cruel se impõe: / pior que ser explorado / é não ser explorado / condenado ao desemprego.

CM - Um sistema cruel se impõe: / pior que destruir a terra / é negá-la

a quem produz, / capaz de a fecundar.

A - A terra pertence a poucos. / O trabalho é mercadoria barata. / Falta pão para muitos / o vinho não é repartido.

A Palavra de Jesus

L1 - Leitura do Evangelho, narrado por Lucas (Lc 22,17-20).

"Então, Jesus pegou o cálice, agradeceu a Deus, e disse: *Tomem isto e repartam entre vocês; pois eu lhes digo que nunca mais berei o fruto da videira, até que venha o Reino de Deus.* A seguir, Jesus tomou o pão, agradeceu a Deus, o partiu e distribuiu a eles dizendo: *Isto é o meu corpo, que é dado por vocês. Façam isto em memória de mim.* Depois da ceia, Jesus fez o mesmo com o cálice, dizendo: *Este cálice é a nova aliança do meu sangue, que é derramado por vocês.*"

Diálogo dos coros

C - Caríssimos irmãos: o que representam o pão e o vinho, partilhados por Jesus, para marcar, para sempre, a sua presença viva entre nós?

CM - O vinho e o pão simbolizam / o que a natureza criada por Deus / oferece aos homens e mulheres / também por Ele criados.

CH - O vinho e o pão simbolizam / o fruto do trabalho / dos homens e mulheres / que do trigo e da uva / produzem alimento e vida.

CM - O vinho e o pão / não são partilhados / com justiça e equidade / entre todos / os homens e mulheres / criados por Deus, / à sua imagem criados.

CH - Sem a partilha justa, / Jesus não se faz presente / no meio de nós. / Não há, não pode haver / eucaristia sem partilha.

CM - Ele está entre nós / quando a partilha se faz. / Se afasta, / se a partilha é negada.

Ofertório

C - Como ter a certeza de que Jesus permanece entre nós? O que temos a partilhar? O que nos comprometemos a dividir, a doar, a oferecer, do muito que temos, aos que nada têm? Que privilégios concentramos, que bens possuímos que faltam aos outros, nossos irmãos pobres, famintos, ignorantes, enfermos, encarcerados, desprezados, excluídos, desesperados, solitários em suas dores?

(Intervenções espontâneas)

A Palavra de Jesus

L2 - Leitura do Evangelho narrado por Mateus (Mt 25, 34-40).

"Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: *Venham vocês, que são abençoados por meu Pai. Recebam como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo. Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês me foram visitar.* Então os justos lhe perguntarão: *Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos como estrangeiro e te recebemos em casa, e sem roupa e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar?* Então o Rei lhes responderá: *Eu garanto que todas as vezes que vocês fizeram isto a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram*".

Reflexão

C - E então, meus irmãos?

CH - Assim seremos julgados, / não somente pela fé / mas pelas obras de justiça. / Pelas obras de solidariedade / seremos julgados.

CM - Assim seremos julgados, / não só pelas mãos que elevamos ao Senhor, / mas pelas obras de humanização. / Pelas obras de amor / e só por elas, / seremos julgados.



Epístola

L1 - Leitura da Carta de Tiago (Tg 2,14-19; Tg 2, 24 e 26).

"Meus irmãos, se alguém diz que tem fé mas não tem obras, que adianta isso? Por acaso a fé poderá salvá-lo? Por exemplo, um irmão ou irmã não têm o que vestir e lhes falta o pão de cada dia. Então alguém de vocês diz para eles: *Vão em paz, se aqueçam e comam bastante*. No entanto não lhes dá o necessário para o corpo. Que adianta isso? Assim também é a fé: sem a as obras ela está completamente morta. Alguém poderia dizer ainda: *Você tem a fé e eu tenho as obras. Pois bem! Mostre-me a sua fé sem as obras e eu, com as minhas obras, lhe mostrarei a minha fé. Você acredita em um só Deus? Muito bem! Só que os demônios também acreditam, e tremem!*

Como vocês estão vendo, o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé. (...) De fato, do mesmo modo que o corpo sem o espírito é cadáver, assim também a fé: sem as obras ela é cadáver".

CM - A fé sem as obras não tem valor.

CH - A fé sem as obras é cadáver.

A - A fé sem as obras é morta!

A Partilha

C - Sobre esta mesa tão bela e tão farta, temos pão e vinho, o pão e o

vinho que faltam a tantos. Pão e vinho que representam alimento e saúde, o saber e a solidariedade, a alegria e o prazer, tão fartos para poucos, tão escasso para muitos. Vamos celebrar o nosso compromisso de partilha dos nossos dons e privilégios com os que não os têm, pelo simbolismo que Jesus escolheu para permanecer vivo entre nós. Vamos partilhar entre todos, o pão e o vinho, frutos da terra e do trabalho dos homens. Essa partilha é a marca e o sinal da Nova Terra, dom de Deus e tarefa dos homens e mulheres por Ele criados. Aproximem-se todos, para essa experiência de partilha, cantando hinos de esperança e louvor ao Senhor.

(O pão e o vinho são repartidos entre todos)

Canto, durante a partilha:
"Pão em todas as mesas" (Zé Vicente)

A mesa tão grande vazia
De amor e de paz - de paz!
Onde há o luxo de alguns
Alegria não há, jamais!
A mesa da eucaristia
Nos quer ensinar - ah, ah,
Que a ordem de Deus, nosso Pai,
É o pão partilhar.

Pão em todas as mesas
Da Páscoa, a nova certeza:
A festa haverá
E o povo a cantar, aleluia! (Bis)

As forças da morte: a injustiça
E a ganância de ter - de ter.
Agindo naqueles que impedem
Ao pobre viver - viver.
Sem terra, trabalho e comida
A vida não há - não há.
Quem deixa assim e não age,
A festa não vai celebrar.

Irmãos, companheiros na luta
Vamos dar as mãos - as mãos
Na grande corrente do amor,
Na feliz comunhão! - irmãos.
Unindo a peleja e a certeza
Vamos construir - aqui
Na terra o projeto de Deus:
Todo o povo a sorrir!

Que em todas as mesas do pobre,
Haja festa de pão - de pão.
E as mesas dos ricos, vazias,
Sem concentração - de pão!
Busquemos aqui nesta mesa
Do pão redentor - do céu,
A força e a esperança
Que anima o povo de Deus!

Bendito o ressuscitado.
Jesus, vencedor - ô, ô,
No pão partilhado, a presença
Ele nos deixou - deixou!
Bendita é a vida nascida
De quem se arriscou - ô, ô,
Na luta pra ver triunfar
Neste mundo o amor!

"Nas campanhas eleitorais, como nas guerras, a primeira vítima fatal é sempre a verdade".
(Mark Twain).

"Não sei que Bíblia lêem os que dizem que a religião nada tem a ver com a política".
(Bispo Anglicano Desmond Tutu).

Sinal de Paz

C - Da partilha se faz a paz.

CH - Da partilha se faz a paz.

CM - Da partilha se faz a paz.

A - Da partilha se faz a paz.
L1 - Vamos desejar a todos essa paz.
Vamos nos marcar com essa paz que
queremos juntos construir,
prenúncio da Nova Terra prometida.

L2 - Escolhemos como símbolo da
paz que pedimos e oferecemos, um
pouco de perfume de flores, que
permaneça conosco por muito
tempo.

L1 - Nestas taças, flores oferecem o
perfume com que vamos ungir as
frentes de todos, para que a memória
desse ato simbólico permaneça por
mais tempo neste dia de trabalho.

C - O Senhor esteja conosco em todos
os momentos da nossa vida.

CH - Assim seja! Amém!

CM - Assim seja! Amém!

A - Assim seja! Amém!



O sonho do ecumenismo, a unidade dos cristãos na diversidade de suas expressões religiosas, só se concretizará a partir das práticas cotidianas da celebração e do serviço compartilhados.

Ecumenismo: uma utopia deste século

Jether Ramalho

Evangélico, Presidente do CESEP

O movimento ecumênico, sinal dos tempos atuais, uma das mais lindas e inspiradoras utopias do século XX, vai-se consolidando. Constitui-se fonte de esperança para todos os que buscam, não somente a união dos cristãos, mas a unidade dos povos, na luta pela dignidade plena da vida. Para grande parte do povo, o sentido do ecumenismo é altamente positivo, sinônimo de paz, solidariedade, fraternidade, quebra de barreiras. Quase desconhecido há poucas décadas atrás, o termo passou a ser usual em nossos dias. É uma compreensão, entretanto, mais afetiva que conceitual. O termo incorpora, desde a sua origem, dimensão secular, sociológica, cultural e geográfica, além do sentido religiosos, teológico e eclesial. A raiz da palavra é grega.

Vem de "oikoi-mene": "o mundo habitado".

No ano de 1998 estamos comemorando grandes acontecimentos, significativas afirmações do movimento ecumênico. Em 1948, 50 anos atrás, em Amsterdã, Holanda, cristãos de distintas igrejas e países concretizaram o ideal de construir, de forma mais viável e concreta, sinais de fé comum, afirmando: "O Conselho Mundial de Igrejas é uma comunidade de Igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo o testemunho das Escrituras, e procuram responder juntos à sua vocação comum para a glória do Deus único, Pai, Filho e Espírito Santo". Desde o princípio, o CMI entendeu que a causa da unidade não significava neutralidade frente às grandes

questões mundiais, nem apenas ao cultivo de boas relações entre as igrejas. Tinha que ter a ousadia de tomar partido pelos grandes valores evangélicos de justiça, paz, libertação, amor e reconciliação, como sinais do Reino de Deus. Durante seus 50 anos de intensas atividades, o CMI, fiel aos seus princípios fundantes, tem estado presente nas grandes lutas deste século. Nascido no pós-guerra, toma a bandeira da paz como um dos seus lemas. Defende com ousadia todos os processos de autode-terminação dos povos, principalmente na afirmação dos países sub-desenvolvidos. Empenha-se em inspirar as igrejas a se envolverem na luta contra todas as formas de opressão e injustiça. Denuncia fortemente as violações dos Direitos Humanos em qualquer parte onde se efetuarem.

No Brasil e na América Latina, o CMI, no período das ditaduras militares esteve presente, condenando as torturas e amparando os perseguidos. Sempre marcou posição contrária a todas as formas de discriminação e a favor da liberdade de pensamento e expressão. Sensível aos sinais dos tempos, incorporou-se nos grandes debates do nossos dias: a luta contra as novas formas de dominação, a defesa do meio ambiente e o reconhecimento dos direitos da

mulher e da igualdade das diversas etnias. Ampliou o seu âmbito de diálogo e tem patrocinado e participado de fóruns com diversas expressões religiosas. São 50 anos de profunda significação na vida de nosso século e de coerência com seus elevados objetivos. Também em 1998, temos, na América Latina, grandes momentos de alegria na expansão do ecumenismo. Celebram-se 30 anos da Conferência de Medellín, Colômbia, que influenciou profundamente toda a orientação pastoral da Igreja Católica, 25 anos da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), expressão concreta de que a diaconia é forte fator de unidade, 20 anos do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), símbolo da unidade e cooperação de diversas igrejas evangélicas, a Consolidação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) com plena participação da Igreja Católica e das mais significativas Igrejas Evangélicas. E são tantas outras expressões ecumênicas no Brasil que o nosso espaço limitado não possibilita mencioná-las.

Em 1998 podemos afirmar que o ecumenismo é símbolo que desperta esperanças e alimenta sonhos.

Extraído do boletim Rede. O autor é membro de Koinonia, e do Conselho Editorial da Rede de Cristãos para a Solidariedade e Libertação.

Em 1998 o Movimento Familiar Cristão - MFC encerrou o seu XIII Encontro Nacional com uma belíssima celebração ecumênica presidida por bispo e padres católicos, e pastores de diversas confissões evangélicas protestantes, incentivando suas bases a tornarem frequentes os serviços e celebrações que contribuam para a unidade dos cristãos, na diversidade de suas expressões.

A tradição religiosa sempre apontou os comportamentos que desumanizam e trazem a infelicidade, chamados de pecados capitais, que agora se tornam os valores básicos da sociedade neoliberal

Viagens interiores

Frei Betto
Escritor

Todos os pecados capitais, sem exceção, são tidos como virtudes nessa sociedade neoliberal corroída pelo afã consumista. Basta ligar a TV e confirmar. A **inveja** é estimulada no anúncio da moça que, agora, possui um carro melhor que o de seu vizinho. A **avareza** é o mote das cadernetas de poupança. A **cobiça** inspira todas as peças publicitárias, do carnaval a bordo no Caribe ao tênis de grife das crianças. O **orgulho** é sinal de sucesso dos executivos bem-sucedidos, que possuem secretárias cinematográficas e planos de saúde eterna.

A **preguiça** fica por conta das confortáveis sandálias que nos fazem relaxar, cercados de afeto, numa lancha ao sol. A **luxúria** é outra marca registrada da maioria dos cliques publicitários, onde jovens esbeltos e garotas esculturais desfrutam uma

vida saudável e feliz ao consumirem bebidas, cigarros, roupas e cosméticos. Enfim, a **gula** subverte a alimentação infantil na forma de chocolates, refrescos, biscoitos e margarinas, induzindo -nos a crer que sabores são prenúncios de amores.

Há nas tradições religiosas uma sabedoria de vida. Despidos de preconceitos, se refletirmos bem sobre os sete pecados capitais, veremos que cada um deles se refere a uma tendência egoísta que traz frustração e infelicidade. A cobiça nos faz reféns do mercado e dos modismos, atraindo-nos ao buraco negro das maracutaias que, miragens no deserto, nos prometem dinheiro fácil e status de Primeiro Mundo.

A avareza ensina a acumular dinheiro mesmo quando ele precisaria ser investido na melhoria da

nossa qualidade de vida. Rendimentos passam a ser mais importantes que investimentos, como o caramujo que, por carregar a casa nas costas, se arrasta lento pela vida.

A luxúria nasce nos olhos, agita a mente e perturba o coração. O objeto do desejo aliena do amor enquanto construção, aprisionando-nos no jogo narcísico da sedução. A gula aumenta o colesterol, deforma o corpo e entristece o espírito. O orgulho é a terrível consciência de que queremos parecer o que não somos e, cheios de empáfia, nossa alma trafega apoiada em frágeis muletas. A preguiça traz incapacidade e atíça devaneios, induzindo a trocar a realidade pela fantasia. A inveja é o espelho de nossa covardia em ser do tamanho que somos, nem maiores nem menores.

O fato é que há um conflito entre o princípio número um da sociedade em que vivemos - ganhar dinheiro - e os valores que sedimentam a existência. Nessa guerra, são sacrificadas a educação das crianças e as relações conjugais, os vínculos familiares e a nossa própria qualidade de vida.

Por que a ambição de uma viagem ao exterior não se reflete também no desejo de viajar para dentro de si mesmo? Mundo desconhecido, esse que trazemos no espírito. Mas, como turistas ocasio-

É preciso recuperar os valores do espírito que se opõem aos sete pecados capitais

nais, ficamos sem saber qual "agência" pode nos assegurar uma viagem de melhor proveito: a Igreja Católica ou o budismo? O candomblé ou o espiritismo? Os rosacruzes ou o Santo Daime?

Deus é mais íntimo a nós do que nós a nós mesmos. Recolher-se ao silêncio interior é sempre um excelente ponto de partida. Para quem nunca fez essa viagem, a partida assusta, porque não nos é dado o roteiro, e a paisagem exterior tenta-nos a abandonar o trem. Se controlamos "a louca da casa", a imaginação, logo o silêncio interior se fax Voz. Então, somos apresentados ao nosso verdadeiro Eu, que nos impele ao Nós. E experimentamos a inefável felicidade de viver segundo os valores do espírito, contrários aos sete pecados capitais: **solidariedade, compaixão, abertura ao outro, moderação no consumo, fome de justiça, partilha de bens, amor.**

(Extraído de O Globo)

@ Temos tido experiências de encontro com o nosso Eu, no silêncio e na reflexão? Ou o ativismo e correrias da vida cotidiana impedem essa experiência de vida interior? Vale a pena tentar?

@ Vida interior, silêncio e reflexão têm relação com compromisso cristão no mundo? Como e por que sim ou não?

Vivemos um tempo de transição, de profundas mutações sociais e eclesiais, com ampla repercussão sobre tradicionais concepções de família.

Valores da Família

Helio e Selma Amorim
Editores de Fato e Razão

A visão da Igreja-Instituição (hierarquia, teólogos, formuladores de sua doutrina oficial) sobre a família e seus valores tem sido predominantemente, ao longo dos séculos, uma visão sociológico-legalista. O mais importante, nessa perspectiva, é o vínculo canônico-formal do casamento que lhe dá origem, e sua permanência: ênfase, portanto, na indissolubilidade: "até que a morte os separe".

Os valores fundamentais da família seriam os mesmos que a Igreja-Instituição-Hierarquia tradicionalmente vivência, ela própria, na sua relação com "a multidão dos fiéis": transmissão da fé e formação do hábito das práticas religiosas, rigor na imposição-submissão a preceitos morais rigorosos, proteção aos fiéis contra desvios doutrinários, autoridade e obediência, proselitismo para o aumento do número de cristãos, relações fraternas entre os fiéis e hostilidade aos infiéis.

Por isso, o rigor canônico ainda hoje inegociável sobre a indissolubilidade do casamento cristão-católico; a valorização da prole numerosa (para o aumento do número de cristãos), com a condenação insistente a qualquer intenção de planejamento familiar, somente abrandada já neste século, com o surgimento do conceito de paternidade responsável e a aceitação da sexualidade conjugal desvinculada da intenção de procriar; a valorização da autoridade dos pais (principalmente do pai, expressão da autoridade masculina vivenciada na instituição eclesiástica); o fechamento da família, porto seguro e protegido contra as influências externas desagregadoras (para isso, escolas e universidades católicas, espaços de convivência e lazer católicos, organizações, associações e movimentos católicos, emissoras de rádio católicas, sindicatos e partidos católicos, etc.). Assim sendo, a família mereceria o

delicado título de Igreja-Doméstica, ou "Pequena Igreja", célula da Igreja e da sociedade, família que toma a Igreja como modelo para a vivência familiar.

Nessa perspectiva tradicional, as famílias eram então objeto da ação zelosa da Igreja para que, adotando esse modelo harmonioso e feliz, modelassem por sua vez a sociedade, que é o somatório das famílias-células. O *slogan* aprendido ainda nos anos 50 era do tipo: "de uma família mais feliz para um mundo melhor".

Essa visão de família e de si mesma foi a predominante na Igreja até recentemente, anos 60, quando acontece o Concílio Vaticano II.

O fundamento desta visão de Igreja, aqui apenas esboçada, tinha uma lógica perfeita, somente reformulada pela *Gaudium et Spes* (G.S.), último documento produzido no Concílio. Até então, se afirmava que "fora da Igreja não haveria salvação". Dessa visão decorria o resto: proselitismo (até pela força...), proteção aos fiéis para que não houvesse o perigo de se deixarem influenciar por doutrinas estranhas, colocando em risco a salvação; o rigor doutrinário, a ortodoxia rigorosamente patrulhada, o binômio autoridade obediência na relação entre a hierarquia (os pais ou pastores) e fiéis (os filhos ou as ovelhas do aprisco).

Com o Concílio (G.S.22), pela primeira vez se afirma que a pertença à Igreja não é condição essencial para a salvação, oferecida por Deus a todos os homens e mulheres de boa vontade. É uma afirmação revolucionária, até hoje ain-



O Concílio Vaticano II revê a antiga doutrina - "fora da Igreja não há salvação" - e afirma, depois de muitos séculos, que a pertença à Igreja não é condição essencial para a salvação, oferecida por Deus a todos os homens e mulheres de boa vontade. (G.S.22).

da mal assimilada por alguns setores da Igreja.

Algumas conseqüências dessa mudança podem ser destacadas, por repercutirem na visão da Igreja sobre a família.

A Igreja deixa de ser um **lugar** - único lugar de salvação - para ser entendida como **missão** no mundo. Mais voltada para os não-cristãos, aos quais se destina a sua mensagem profética e universal: o anúncio do projeto de Deus e a denúncia de tudo o que a ele se opõe. Não mais a obsessão do proselitismo a qualquer preço para aumentar o número de cristãos que se salvarão. O que mais importa é conquistar corações e mentes para a construção de uma sociedade justa e fraterna, concretização do projeto de Deus na história humana. O mais importante não é a cega obediência a doutrinas e preceitos mas a preparação dos cristãos para a transmissão da mensagem transformadora da sociedade, com a denúncia do que se opõe à plena humanização de todos os homens e mulheres. Portanto, fechar-se em si mesma seria a máxima contradição à missão. Nas relações internas na Igreja substitui-se o binômio autoridade-obediência pelo binômio **comunhão-participação**. Surge o discurso sobre o protagonismo dos leigos: são a parte do Povo de Deus em contato mais direto e estreito com as estruturas da sociedade que devem ser transformadas. A Igreja massa, cristandade, dá lugar à concepção evangélica primitiva de Igreja: fermento, sal, luz no mundo. Nessa nova visão pós-conciliar, há uma perda significativa de poder

Os valores mais importantes da família passam a ser a relação afetiva e respeitosa, de **comunhão e participação**, entre os seus membros, a **transmissão de valores éticos e a responsabilidade social da família com a promoção do bem comum**.

da hierarquia (o que explica muitas das reações ainda percebidas).

Dessa nova perspectiva, surgem (ou deveriam surgir) as mudanças da visão da Igreja sobre a família e seus valores: as relações afetivas, de **comunhão e participação** entre seus membros prevalecendo sobre as relações de autoridade-obediência; a abertura das famílias para a sociedade; a preparação dos filhos e dos pais para o diálogo com outras ideologias e visões do homem e do mundo: serem capazes, de fato, de uma presença madura, consciente, comprometida e transformadora da sociedade, com todos os riscos que isto supõe; a reciprocidade na transmissão

da fé e de valores éticos entre pais e filhos (intercâmbio de mão dupla); maior integração entre fé e vida, fé e obras, fé e política; paternidade mais responsável, planejamento familiar aceito e mesmo recomendado, em vista da humanização.

Por outro lado, o modelo tradicional de família cristã, na visão legalista e institucional então prevalecente, estava situado nas classes privilegiadas (médias e altas). As famílias pobres, reais e concretas, vivendo em condições subumanas, não tinham como viver os valores da concepção idealística de família cristã. Não seguiam os preceitos da Igreja e as práticas religiosas regulares estabelecidas. Desestruturadas, sem vínculos formais jurídicos, civis ou religiosos, vivendo na promiscuidade de favelas miseráveis, regidas por mães solteiras ou esposas informais de sucessivos maridos, essas eram *não-famílias*, objeto apenas da ação caritativa dos cristãos, como pessoas necessitadas de esmolas e assistência moral.

Da mesma forma, nas demais classes sociais, famílias de divorciados em nova união eram *não-famílias*, condenável concubinato que as excluía da Igreja e portanto da salvação: deveriam ser evitadas, isoladas do convívio com as "boas famílias", para que a maçã podre não apodrecesse as maçãs saudáveis.

Hoje, ainda permanecem resíduos importantes dessas velhas concepções pouco cristãs... mas as famílias mais pobres, dos setores excluídos da nossa sociedade, já vão ocupando mais espaço na vida

Cresce a compreensão da natureza do sacramento do matrimônio, como sinal e símbolo do amor de Deus, não mais reduzido a ritos mágicos ou a normas legalistas

da Igreja; ainda que se canalizem os melhores esforços pela estabilidade e permanência do casamento, como ideal a conquistar, as famílias que vivem aquelas situações especiais, cada vez mais comuns e numerosas, já são consideradas como famílias (chamadas "incompletas", na linguagem dos documentos da Igreja) e até acolhidas na vida da Igreja, ainda que, por enquanto, como famílias de segunda categoria... sem acesso à **comunhão**. São sinais de mudança, que acompanham um novo entendimento da diversidade do ser família, hoje. Cresce uma nova compreensão do próprio sacramento do matrimônio, que tem como base essencial não o vínculo religioso canônico, e sim o amor em que se funda a união do homem e da mulher, amor humano que toma o amor de Deus como modelo. Essa compreensão mais teológica e menos legalista do sacramento, aliás, vem tornando comum a desobediência à disciplina oficial sobre a participação de casais recasados na **comunhão**, quando percebida a

densidade sacramental da nova união.

Vivemos um tempo de transição, de mudança de paradigmas em relação aos valores e à própria concepção de família, numa sociedade em mutação profunda e numa Igreja que lentamente assimila novas perspectivas mais humanas e humanizadoras.

Nesse cenário, somos chamados a rever nossas práticas eclesiais e sociais. O foco deverá estar centrado

sempre na humanização, como marco referencial para novas posturas e ações, como cristãos e como cidadãos.

Basicamente são valores familiares a cultivar todos aqueles que contribuem para a humanização de seus membros e das pessoas com que convive a família.

Ao contrário, são anti-valores aqueles que talvez fossem valores no passado mas hoje se mostram desumanizadores.

@ Quais os valores mais importantes que as famílias devem cultivar, na nossa realidade de cidade? - e de país? Como estão sendo vivenciados esses valores?

@ Quais os valores da família que consideramos permanentes, que não dependem de épocas, modas e costumes? Quais os valores que, por serem provisórios, parecem estar em mudança? Exemplos.

@ Como vemos o surgimento de novos valores trazidos pelas novas gerações para dentro da nossa família? Exemplos.



Ato penitencial pelo que fizemos com as mulheres.

- Pela tradição de Tertuliano, que chamou as mulheres de "porta do demônio", e que desejou que estivessem sempre de luto em sinal de arrependimento para expiar a ignomínia do primeiro pecado, **perdoai-nos, Senhor.**

- Pela tradição de Clemente de Alexandria, que disse: "nada é desgraçado para o homem, já que é dotado de razão; enquanto que tão-só refletir sobre a natureza da mulher traz vergonha", **perdoai-nos, Senhor.**

- Pela tradição de Cirilo de Alexandria, que disse ser o sexo feminino a "diaconisa da morte", particularmente desonrado por Deus, **perdoai-nos, Senhor.**

- Pela tradição de João Damasceno, que descreveu a mulher como "posto avançado do inferno", **perdoai-nos, Senhor.**

- Pela Igreja, que não soube ainda aceitar o rosto feminino de Deus, e que continua falhando em construir uma comunidade de irmãs e irmãos, em justiça e igualdade, como Jesus nos revelou, **perdoai-nos, Senhor.**

- **Oremos:** Deus, Pai e Mãe, fonte da força, da ternura, da valentia, perdoai-nos e ajudai-nos a sanar essa ruptura que persiste na Igreja. Recriai-nos e restaurai-nos para que vivamos como imagem vossa mais plenamente. **Amém.**

(Laura Ulloa: "Fazendo teologia a partir da mulher").

Um apelo desesperado toma corpo através do mundo civilizado: parem de matar!

Apelo em favor de Chiapas

A Comunidade Internacional deixou de agir de uma maneira decisiva em tempo oportuno, para prevenir um genocídio massivo em Ruanda e Bósnia. Agora, violência e intimidação massivas estão sendo dirigidas contra o povo indígena, em Chiapas, no México. Convocamos a ONU a agir imediatamente, se necessário com intervenção, para terminar com a repressão e prevenir mais crimes contra a humanidade, em Chiapas. Também nos dirigimos a todos os soldados mexicanos e à polícia mexicana, para que se recusem a obedecer a qualquer ordem ilegal que seja uma contravenção à lei mexicana, ou que viole padrões internacionais no que se refere aos direitos humanos e ao genocídio.

Este é um apelo urgente endereçado às Nações Unidas e à comunidade mundial, para acabar com a violência crescente, a intimidação e a repressão agora dirigidas contra os milhões de habitantes indígenas de Chiapas, no México.

O canadense General Romeo Dallaire, que liderou as forças de ONU em Ruanda, alertou o quartel-general da ONU sobre as preparações, em Ruanda, de morticínios em massa, quase três meses antes que eles de fato ocorressem. O General Dallaire testemunhou mais tarde que as suas forças poderiam ter evitado o massacre. A comunidade internacional, todavia, falhou ao não dar um passo para impedir o genocídio. O mundo falhou em Ruanda.

Na Bósnia, o genocídio contra os muçulmanos também teve permissão para prosseguir relativamente desimpedido, durante anos, e como resultado enorme número de pessoas foram mortas. O mundo falhou em Bósnia. Agora, em Chiapas, número imenso de civis estão sendo novamente sujeitos a crimes contra a humanidade. E existe o risco de uma escalada adicional para violência massiva - desta vez por grupos civis paramilitares, e por elementos militares mexicanos, que têm como

alvo 4 a 5 milhões de indígenas, que habitam o Estado do Sul do México.

O mais horrendo incidente isolado que aconteceu foi o de Acteal, uma pequena cidade onde, em 22 de dezembro de 1997, 45 civis indígenas desarmados, na maioria mulheres e crianças, foram sistematicamente caçados como animais e assassinados por forças paramilitares.

Precisamos deixar bem claro que Acteal não é um incidente isolado. Ele é emblemático para um padrão muito mais amplo de escalada de violência e de intimidação, dirigidas contra o povo indígena de Chiapas. Durante os 18 meses próximos passados, houve crescente violência paramilitar, e recentemente, mais violência militar, que tem o seu trágico saldo: centenas de mortes, a conversão de milhares de indígenas em refugiados sem-lar, destruição de colheitas indígenas por atos de vandalismo, roubo e incêndio; em meses recentes, a ação repressiva de forças militares mexicanas, em larga escala, na região. Mais recentemente, ataques compactos de tropas governamentais abateram-se ilegalmente sobre comunidades indígenas pacíficas. Nesses ataques brutalizaram e prenderam dúzias de membros de pacíficas associações indígenas de caráter cooperativo, econômico, e político. Também prenderam ilegalmente dúzias de observadores internacionais de paz, cuja presença havia sido requerida pelo povo indígena

e por suas organizações, para garantir a sua segurança. Esses observadores de paz foram sumariamente deportados do país, sem um devido processo de lei, dessa forma despojando o povo indígena de testemunhas externas, caso ocorrerem mais atos de violência e intimidação. Tomando como base essas ações, as Nações Unidas, a Anistia Internacional e muitas outras respeitadas organizações internacionais de direitos humanos, confirmaram violações muitos sérias tanto às leis mexicanas quanto aos Direitos Humanos reconhecidos internacionalmente.

Em adição a tudo isso, parece estar em preparação um ataque completo contra várias comunidades indígenas civis, e contra o Exército Indígena Zapatista, que não se envolve em nenhuma atividade de guerra há três anos e meio. À luz dessas informações, desejamos lançar um desafio a todos os governos da América, às Nações Unidas e a todos os líderes mundiais: que não voltemos a falhar. Uma nova matança já se iniciou, e novas ações de extermínio estão à espreita. Não há tempo a perder. Uma ação decisiva e a tempo precisa ser tomada imediatamente, para impedir mais repressão e genocídio contra o povo indígena. Um povo que historicamente foi submetido ao maior genocídio, e que tem sido o mais oprimido da América.

Objetivamente, apresentamos a todos os governos democráticos e organismos internacionais compro-

metidos com a paz e os Direitos Humanos o seguinte apelo urgente:

Exijam das Nações Unidas uma intervenção imediata, para agir na prevenção de mais crimes contra a humanidade, em Chiapas. Qualquer intervenção, por certo, deve decorrer de um mandato das Nações Unidas, e não deverá incluir tropas dos Estados Unidos, devido ao atual envolvimento dos Estados Unidos no treinamento e no armamento dos militares mexicanos, e devido aos interesses políticos e econômicos dos Estados Unidos no México. Como parte desta investigação, nós insistimos que representantes do corpo de paz e reconciliação, presidido pelo Bispo Samuel Ruiz, de Chiapas, e das associações pacíficas indígenas de caráter cooperativo, econômico e político de Chiapas sejam chamados ao quartel-general das Nações Unidas para testemunhar sobre a violência e a intimidação correntemente dirigidas tanto pelas forças militares quanto pelas paramilitares, contra o povo

indígena e suas organizações, em Chiapas.

Outro apelo, dirigimos aos diretamente envolvidos nas ações que denunciaremos:

Que todos os membros do exército mexicano, das forças policiais mexicanas e do governo mexicano, se recusem a obedecer ordens ilegais, sejam contrárias às leis mexicanas, como aos Direitos Humanos, internacionalmente reconhecidos, ou considerados crimes contra a Humanidade. Chegou o tempo de recordar a jurisprudência estabelecida nos tribunais para crimes de guerra, instalados em Nuremberg: a obediência a ordens ou à lei nacional, não pode moralmente ou legalmente justificar violações de direitos humanos - tais como perpetradas em Chiapas hoje em dia. Em Nuremberg, como aqui, os que matam e os autores intelectuais dessas ações perversas são culpados de crimes contra a humanidade e sujeitos tanto à condenação moral quanto à condenação legal e punição, por organismos internacionais.

Comunicado do Banco Central: "As correções do câmbio se darão cinco décimos de milésimos na quarta casa depois da vírgula na interbanda, para cima e para baixo". Entenderam? (Citado por Márcio Moreira Alves - O GLOBO).

Leia e assine, dê de presente

fato
e razão

A peregrinação é um ato de culto presente em todas as religiões, e ainda hoje uma forma rica de expressar a fé

Somos todos romeiros do Pai Eterno

Marcelo de Barros
Monge beneditino, escritor

Nos últimos dias de junho, no centro-oeste brasileiro, de muitas cidades e povoados, partem grupos e caravanas, a pé ou em carros de boi, a caminho de Trindade onde os romeiros festejam o Divino Pai Eterno.

Como o Evangelho conta que Jesus encontrou nos pórticos da piscina de Betesda, também, hoje, no pátio da Igreja de Trindade, jaz por terra uma quantidade enorme de "cegos, estropiados e paralíticos" (Jo 5, 3). Aquela multidão é o retrato da situação da imensa maioria do povo que vive à margem da estrada e só tem acesso às migalhas do sistema social que o exclui.

Tanto antigamente como hoje, o povo se volta para Deus como o Divino Pai Eterno. Muitos, resignados, pedem ao Pai Eterno a solução de problemas que compete a eles mesmos e a todos nós. Outros buscam a bênção divina e a solidariedade dos irmãos que, mesmo sendo pobres, repartem com

eles o alimento e a fé que lhes dão força para viver.

Numa sociedade em que o carro de boi é peça de museu e peregrinação parece coisa do passado, até a fé do povo é vista como atraso cultural.

Políticos tentam se aproveitar dos romeiros para seus interesses eleitoreiros e mesmo agentes de pastoral e religiosos devem permanentemente se rever para não instrumentalizar a fé do povo, mesmo com finalidades mais nobres. A romaria é um modo de orar que envolve não só a cabeça, mas os pés e todo o corpo. É organizada pelo povo simples como verdadeiro protagonista da sua fé.

A peregrinação é um ato de culto presente em todas as grandes religiões da antiguidade. É um dos cinco principais preceitos do islamismo. A Bíblia conta que o povo fazia constantes peregrinações ao templo de Jerusalém. O próprio Jesus e o apóstolo Paulo fizeram peregrinações.

A fé nos diz que toda a terra é sagrada e todos somos templos de Deus. Os cristãos crêem que podem se relacionar com o Divino Pai Eterno em qualquer tempo e lugar, na intimidade do próprio coração, ou onde dois ou mais se reúnem no nome de Jesus. Mas, a peregrinação é, de tal forma, uma necessidade do coração humano que, desde os primeiros séculos, as comunidades cristãs a realizam.

No cristianismo, a peregrinação se desenvolveu mais como visita ao túmulo dos mártires, ou como oportunidades nas quais as comunidades gostam de se encontrar. A peregrinação dos cristãos ao túmulo dos santos apóstolos em Roma, ou a São Tiago de Compostela, na Espanha, assim como as romarias populares a Aparecida do Norte, Juazeiro ou Trindade, simbolizam o caminho espiritual de um povo em busca da intimidade com Deus e do seu Reino. No século IV, Santo Agostinho dizia: "O nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Ti, Senhor".

Dizem que, no mundo católico, Trindade é o único santuário popular dedicado a Deus Pai. É interessante o fato de que o povo fala do Divino Pai Eterno, mas a imagem é da Trindade e inclui uma figura feminina que para o povo católico é sempre Maria, como imagem ma-

A peregrinação nos recorda uma espiritualidade nômade e reaviva a certeza de que a própria vida é uma peregrinação

ternal do amor de Deus. Às vezes, a cultura popular se apega demais a imagens e tende a cair na abso-lutização do símbolo. É preciso evitar o perigo da idolatria que existe nas imagens de barro ou na adoração de imagens de Deus (imagens mentais!) que julgam e excluem os irmãos.

A peregrinação nos recorda uma espiritualidade nômade e reaviva em cada caminhante a certeza de que a própria vida é uma peregrinação.

Se você for de uma tradição religiosa que ama as romarias, ou se você não tem este costume, está convidado(a) a fazer da sua vida uma peregrinação interior. Para viver este caminho pessoal, una-se à caminhada comunitária de todos os que procuram a paz, a justiça para esta terra e a comunhão com o universo. Então, o próprio Divino Pai Eterno, Mãe de Compaixão, o (a) acolherá na sua intimidade.

@ Peregrinações e romarias são realizadas na nossa cidade e região? Qual o sentido que lhes damos, como são realizadas?

@ Tem sentido entender a própria vida como uma peregrinação?

Adotar uma criança é humanizar e criar vida.

Uma reflexão madura sobre os milagres contribui para uma compreensão mais adulta de Jesus e sua missão

Os milagres de Jesus

Antonio Allgayer
Teólogo leigo, escritor

Os quatro Evangelhos nos dão notícia de que Jesus realizou exorcismos, curou enfermos e operou milagres. O maior de todos os prodígios continua sendo a perenidade de sua mensagem, o prestígio inabalável do seu nome, a atualidade da sua vitória sobre a morte.

O conceito tradicional de milagre prescinde do pressuposto de que haja superação das leis da natureza. Na linguagem bíblica não se faz referência a leis naturais. O desenvolvimento do grão de mostarda em arbusto, um fato natural, é considerado milagroso. E não o é? O Êxodo tem sido interpretado como sendo o maior milagre do Antigo Testamento. É a narrativa de um punhado de gente – cerca de 600.000 pessoas válidas – sem poder político e carente de recursos materiais apreciáveis que emerge, liderado por Moisés, das olarias de um truculento faraó do Egito e empreende a jornada humanamente impraticável rumo à libertação. A passagem pelo Mar dos Juncos, impropriamente chamado Mar Vermelho, por certo não passou da

travessia exitosa por região de pântanos, em momento de maré e ventos favoráveis aos judeus e desfavoráveis aos seus perseguidores. A caminhada épica e a sobrevivência desse pequeno conglomerado de tribos nômades, o qual, impedido de se fixar em terras ocupadas por povos sedentários, andou em círculos, durante quarenta anos, pelo deserto da Península Arábica, é fato tão insólito que merece o nome de milagre.

Ao contrário do que talvez se possa supor, Jesus manifesta relutância à prática de atos considerados miraculosos. Opunha resistência às constantes provocações dos escribas e fariseus, que exigiam um “sinal do céu” como aval da autenticidade da sua missão. Chegou mesmo a ser contundente ao revidar que a essa geração má e adúltera nenhum sinal seria dado, exceto o sinal de Jonas (Mt 12,39), talvez vaga referência a seu triunfo sobre a morte.

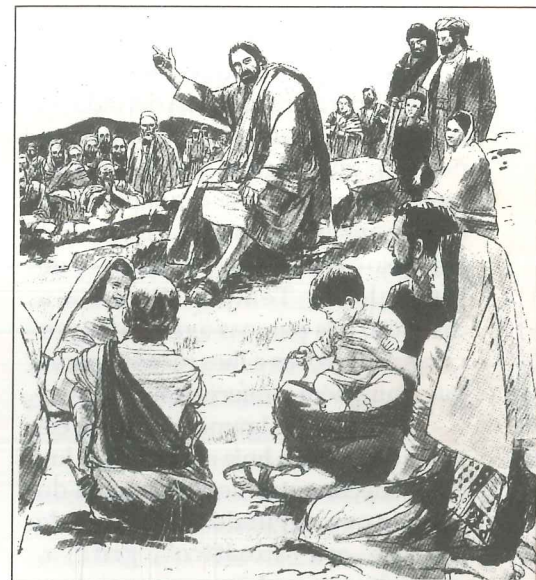
Os milagres que operou, inclusive os referentes à filha de Jairo, ao jovem de Naim e a Lázaro, pessoas que

fez ressurgir da morte, tinham por escopo ajudar ou socorrer alguém nos momentos de grave aflição. Motivava-os a compaixão ante o sofrimento alheio. O primeiro milagre, realizado em Caná da Galiléia, por intercessão de Maria, salvou o entusiasmo de uma festa de casamento. Ao realizá-los, Jesus não se socorria de rituais mágicos, nem invocava a autoridade de Deus e muito menos os atribuía a si próprio. Creditava-os à fé dos que os pediam: “Tua fé te salvou”. Essa fé era evidentemente despertada por sua presença salvífica. Dimanava da fonte puríssima da fé de Jesus. A certeza da vitória do bem sobre o mal por ele irradiada libertava as pessoas do temor paralisante da doença e da morte. Expressões frequentes em seus contatos com o povo eram estas: “não temas”, “não te preocupes”, “tem ânimo” (Lc 5,10; Mt 6,25-33; 9,2-22; Lc 12,32; Jo 16,33).

Para Jesus, Deus é Pai e já não há lugar para o temor, o desânimo ou o pessimismo. Por isso Paulo pôde escrever: “Vós não recebestes o espírito de servidão para recair no temor, mas recebestes o espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: *Abba, Pai!*” (Rm 8,15).

A prática de Jesus era antifatalista. Fundava-se na capacidade humana de superar a doença, o desespero, a própria morte. Sua motivação emergia da potencialidade inerente ao bem, à vocação do homem para a felicidade e o convívio fraterno.

Um paralítico, acabrunhado por sentimentos de culpa, descrente de



Os milagres realizados por Jesus não eram precedidos de rituais mágicos ou qualquer indicação de poderes sobrenaturais: atribuía o milagre sempre à fé dos que deles se beneficiavam, e recomendava discrição na sua divulgação.

um programa de vida dignificante, ferido na auto-estima por sentir-se inútil, subitamente se ergue do leito ao mero contato com alguém que lhe perdoa o passado, por ele mostra interesse e lhe devolve a esperança: "Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa" (Mc 2,11).

É erro pensar que Jesus fazia milagres para provar a sua divindade. A tentativa de usar o seu extraordinário poder como credencial do messianismo ou para granjear adeptos fora energeticamente rechaçada quando o demônio o convidou a precipitar-se do pináculo do Templo. Preferia a discrição das pessoas agraciadas por curas milagrosas e lhes recomendava que a ninguém o referissem.

Certamente algumas curas por ele operadas seriam hoje explicadas à luz de conhecimentos novos, como a do menino que, segundo a descrição de Mateus, era "lunático", gritava, atirando-se ao chão, espumando e rangendo os dentes, com sintomas inequívocos de epilepsia.

É lícito conjecturar que alguns feitos de Jesus, como a pesca milagrosa, o apaziguamento da tempestade, a multiplicação dos pães e peixes, tenham sido desfigurados pelo entusiasmo das multidões, que os transmitiram a Marcos, via oral, com os enfeites que costumam ser adicionados às narrativas de fatos espetaculares.

Na verdade, aos apóstolos e demais seguidores de Jesus interessava realmente, não o milagre, mas a transmissão fiel e autêntica da sua mensagem, dos seus ensinamentos, da boa-nova. Anunciavam, isto sim, com vigor e desassombro, a ressurreição de Cristo, o milagre por excelência. O acontecimento ressurreição explica a metanóia desses galileus simples, iletrados e medrosos, subitamente transformados, graças à efusão do Espírito, em destemidos arautos de uma doutrina destoante da cultura da época e "inventada" por um homem que padecera morte ignominiosa.

Embora Jesus tivesse resistido a todo e qualquer alarde em torno dos milagres que realizou, serviram estes como sinal de que o reino de Deus vinha de ser inaugurado. Ele mesmo o reconheceu ao invocar, em resposta a João batista, o cumprimento dos oráculos de Isaías: "Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados" (Mt 11,2-6).

É de ressaltar que o anúncio da boa-nova aos pobres é aqui colocado ao lado dos prodígios como evidência da inauguração da era messiânica!...

Extraído do livro "Jesus e os excluídos do Reino", Editora Vozes.



"Não temos o direito de ficar tristes. Um cristão deve sempre manter viva em seu coração a plenitude da alegria". (D. Oscar Romero, Bispo mártir de El Salvador).

Livros

José Saramago

A GUERRA DO DESPREZO

Resenha de texto inédito no Brasil

Num texto inédito no Brasil, o escritor português saúda as comunidades zapatistas do México, e indaga: "Que será de nós, quando se perder a última dignidade do mundo?"

Ainda vai demorar um pouco para que os jornais registrem, mas parece claro que o quadro político internacional está evoluindo com rapidez – e as mudanças não são em benefício dos neoliberais. A Ásia, palco principal do desenvolvimento capitalista nas duas últimas décadas, mergulhou numa crise ainda sem solução. Há pouco, caiu, na Indonésia, Suharto, o ditador que todos os presidentes norte-americanos, e todos os diretores do FMI, ajudaram a manter, por 30 anos. Também começou, na Coreia do Sul, uma greve geral heróica, convocada em meio a uma onda brutal de demissões. O movimento é importante porque desafia a lógica perversa segundo a qual todos os sacrifícios devem ser impostos aos povos e às nações que entraram em crise, para que os capitais especulativos jamais saiam perdendo.

Na França, onde não há crise, o bom desempenho da economia tem servido para... ampliar direitos sociais. Sob pressão dos novos movimentos sociais, a Câmara dos Deputados aprovou em primeira votação um projeto de lei que prevê ampla proteção

contra a pobreza. Semanas antes, o Parlamento já havia votado em definitivo a redução da jornada de trabalho para 35 horas semanais. As conquistas não reduzem a disposição dos trabalhadores. Os caminhoneiros estão em greve. Às vésperas da Copa do Mundo, ameaçam parar os pilotos da Air France, que não concordam com o plano de "reestruturação" e demissões anunciado pela empresa na mesma semana em que revelou ter obtido lucros recordes. Mesmo ignorados pela imprensa brasileira, também os trabalhadores gregos entraram em greve geral hoje, para evitar a privatização das telecomunicações, geração de energia, portos, distribuição de água e de derivados de petróleo.

Estes pequenos avanços não invertem, é claro, uma conjuntura ainda amplamente favorável ao neoliberalismo. Eles valem por mostrar que há outras saídas, e gente disposta a procurá-las. Gente como os milhares de jovens que voltaram a se manifestar nos últimos dias, em todas as partes do mundo (inclusive em São Paulo), em defesa das comunidades indígenas zapatistas, ameaçadas pelo Exército e pelos grupos paramilitares mexicanos. Gente como o escritor português José Saramago, que fez questão de visitar Chiapas no final de março e escreveu em seguida o texto abaixo, ainda inédito no Brasil:

"O braço direito do índio Jerônimo não se levanta, porque perdeu completamente a articulação do ombro. A mão direita do índio Jerônimo é um toco sem dedos.

Não se sabe o que há sob a atadura que lhe envolve o antebraço.

O lado direito do tronco do índio Jerônimo mostra, de cima a baixo, uma cicatriz grande e funda que parece partir-lhe o corpo em dois. Os olhos do índio Jerônimo me perguntam que faço ali. O índio Jerônimo tem quatro anos e é um dos sobreviventes da matança de Acteal. Não suporto ver aquele braço, aquela mão, aquela cicatriz, aquele olhar, e me viro de costas para que não se note que vou chorar. Ante mim, velada pelas lágrimas que me queimam os olhos, está a fossa comum onde se encontram, em duas filas paralelas, os 45 mortos de Acteal. Não há lápides com os nomes.

Tiveram um nome enquanto viveram, agora são simplesmente mortos. O filho não saberia dizer onde estão os pais, os pais não saberiam dizer onde está o filho, o marido não sabe onde está a mulher, a mulher não sabe onde está o marido. Estes mortos são mortos da comunidade, não das famílias que a constituem. Sobre eles está se construindo uma casa. Amanhã, um dia, nas paredes que pouco a pouco vão sendo erguidas, veremos as imagens possíveis da matança, o enterro dos cadáveres, leremos por fim os nomes dos assassinados, algum retrato, se o tinham. Sob nossos pés estarão os mortos”.

“A cumplicidade das diversas forças armadas mexicanas com os paramilitares vinculados ao partido do governo, por evidente, não precisa de demonstração”.

“Com dificuldade, descemos ao barranco onde as vítimas se esconderam, fugindo da agressão dos paramilitares que desciam a ladeira

disparando. A igreja, simples barracão de tábuas brutas, sem adornos, nem sequer uma cruz tosca na fachada, onde os índios, havia três dias, estavam jejuando e rezando pela paz, mostra os sinais das balas. Dali escaparam os apavorados tzotziles de Acteal, acreditando encontrar refúgio mais abaixo, numa depressão do terreno escarpado. Não sabia que haviam entrado numa ratoeira. A horda dos paramilitares não tardou a descobrir aquele montão desforme de mulheres, homens e crianças, dezenas de corpos trêmulos, de rostos angustiados, de mãos erguidas implorando misericórdia (Ai de nós, o ato de apertar o gatilho de uma arma tornou-se tão habitual em nossa espécie que até o cinema e a televisão nos dão lições gratuitas desta arte a qualquer hora do dia ou da noite). Sobre o mísero nó humano que se contorcia e gritava, os paramilitares descarregaram à vontade rajada após rajada, até que o silêncio da morte respondeu aos últimos disparos. Algumas crianças (talvez o índio Jerônimo) escaparam da matança por cair sob os corpos cravejados de balas”.

Apenas a 200 metros dali, 40 agentes da Segurança Pública, mandados por um general aposentado, ouviram o tiroteio e não deram um passo, não fizeram um gesto, mesmo sabendo o que iria ocorrer. Foi tal a indiferença das autoridades que nem sequer interromperam o tráfego na rodovia que passa por Acteal, a pouca distância do local do crime múltiplo. A cumplicidade das diversas forças armadas mexicanas com os para-

militares vinculados ao partido do governo, por evidente, não precisa de demonstração.

No município índio de Chenalhó, onde se encontra a aldeia de Acteal, mesclam-se histórias pessoais, familiares, políticas e sociais. Zapatistas e priistas têm amigos e parentes no outro lado, e às vezes acontecem que as afrontas recíprocas destróem os afetos. Os desalojados, varridos brutalmente de um lado para o outro, vêm da destruição das pequenas aldeias em que viviam, da falta de respeito pelos campos comunais, da impossibilidade de se reunir em assembléias e trabalhar sem medo, das humilhações infligidas pelas autoridades, da troca forçada de dirigentes por outros sem mandato nem eleição, da destruição dos símbolos comunitários, da proibição

de reuniões, ou toleradas sob a vigilância de paramilitares protegidos pela polícia. Na guerra de desprezo que se está travando em Chiapas, os índios são tratados como animais incômodos. E a multinacional Nestlé aguarda com impaciência que o assunto se resolva: o café a está esperando...

Perto de Acteal, em Polhó, num cartaz à entrada do acampamento de desalojados zapatistas, se lêem estas palavras: “Que será de nós quando o último de vocês se tiver ido? E eu pergunto: “Que será de nós quando se perder a última dignidade do mundo”?

Resenha preparada pela
REDE de Cristãos para a
Solidariedade e Libertação.



“A Eucaristia que não é mesa acaba sendo pura blasfêmia” (D. Pedro Casaldáliga, Bispo de S. Felix do Araguaia).

“Creio que a verdade é perfeita para as matemáticas, para a química, para a filosofia, mas não para a vida. Na vida, contam mais a ilusão, a imaginação, o desejo e a esperança...” (Ernesto Sábato).

“As vanguardas visam ao futuro e sua recompensa, mas esta não é considerada algo individual: o prêmio é a nova sociedade na qual os homens terão características diferentes” (Ernesto “Che” Guevara).

“Tenha compaixão do soberbo. Talvez o que esteja inchando o seu peito não seja a soberba mas angústia.” (Constancio C. Vigil, escritor venezuelano).

“Qualquer um pode zangar-se, e isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e da maneira certa - isto não é fácil”. (Aristóteles)

Opinião:

Por que tanto medo do celibato opcional para o clero? Será que os padres estão dispostos a viver eternamente neste clima de fingimento? No próximo dia mundial das vocações, em que a Igreja vai certamente, e mais uma vez, chamar a atenção para a falta de sacerdotes, ofereça ela também o fim do celibato obrigatório e não haverá mais falta de padres.

Celibato opcional dos sacerdotes: por que tanto medo?

A. Machado
Porto, Portugal

Alguém afirmava, há dias, que os trinta anos de revolução sexual só trouxeram divórcios, mães solteiras, uniões de fato, AIDS e outras pestilências, como se todas estas questões pudessem ser consideradas a um mesmo nível, como se tudo se tratasse de uma horrenda doença, para valo-

rizar o argumento do celibato sacerdotal como "uma das jóias da Igreja católica", afirmação que me parece simplista demais, diria mesmo leviana.

Gostaria por isso, de analisar, de forma menos superficial, os diferentes pontos focados pela

afirmação citada, debruçando-me, em primeiro lugar, sobre a questão dos divórcios e separações. As estatísticas não mentem. É verdade que hoje os casais se separam com frequência e os casamentos não são eternos. Mas há trinta anos atrás, não existiam estatísticas que fizessem prova dos elevados níveis de hipocrisia e imoralidade que sustentavam os casamentos "até que a morte os separe".

Qual seria a média de casamentos "abençoados", apoiados em anos e anos de infidelidade e relações paralelas, de que resultavam os filhos, tristemente conhecidos como bastardos? Mas que bom era que se mantivesse a aparência da devoção e do amor à família, se se fosse à missa ao domingo, a amantíssima esposa, de mantilha e pó-de-arroz carregado, a esconder as nódoas negras e os filhos encerrados no mutismo de quem sabia o que os esperava, se abrissem a boca!...

Não se pretende aqui negar o valor e a necessidade do assumir um compromisso, da efetiva vontade de partilhar com o outro uma vida em comum, um projeto comum, e de o fazer crescer e perdurar; é todavia pouco edificante reduzi-lo a uma cerimônia e a um contrato que só por si são, infinitas vezes, vazios de significado.

Essa reflexão leva-me até à "última descoberta", as uniões de fato. Qualquer união entre dois seres que se amem e que pretendem construir em comum uma vida, é de fato uma união, com ou



sem cerimônia, se esses dois seres estão presentes de corpo e alma, por inteiro. Uniões assim aconteceram e acontecem, antes e depois da dita revolução sexual.

Continuando a análise da *maléfica* lista, confronto-me com a problemática das mães solteiras e respectivos filhos sem pais. Constatato que não são fenómeno recente. Existem desde sempre. Mas tinham antes da revolução sexual, um estatuto bem menos digno e um tratamento desumano. Eram párias sociais, mulheres apontadas a dedo, repudiadas pela família e pela comunidade, obrigadas a fazer opções cruéis para criar os filhos, vítimas de uma sociedade de moral podre. Felizmente que hoje, ser mãe solteira pode resultar de uma opção e não ser apenas uma imposição ou um castigo. Opção legítima de quem assume um compromisso perante si e perante o

filho que se deseja. E que se desengane quem pensa que o casamento é garantia de que uma criança terá efetivamente pai. Ninguém é pai ou mãe por decreto!

Finalmente, a inclusão da AIDS nesta *caixa de pandora*: origem de todos os males é, a meu ver, de um gritante mau gosto. A AIDS é uma doença grave que preocupa e atemoriza o mundo. É um problema sério que apela à educação e também à compreensão, mas que não se resolve atirando-se as culpas para os apetites "insensatos" da carne. É um problema de saúde pública, como é a hepatite B, a tuberculose, e como o foi, de forma igualmente assustadora e mortífera, a sífilis. É que, mesmo antes da revolução sexual, já existiam libidos e desejos, os velhos eram novos e, tal como hoje, os feios e os tímidos eram seres humanos e tinham sexo.

A diferença estava na pseudomoral com que se abordavam as questões, na mentalidade vergonhosa que reduzia tudo a vícios de prostitutas e homens de deboche. Mas o quadro torna-se ainda mais feio, quando revejo o papel da Igreja neste período anterior à revolução sexual.

Quantos exemplos de incentivo à pedofilia e à homossexualidade, quanta indulgência perante abusos sexuais? Como se pode entender que se abençoe, em nome de um "crescei e multiplicai-vos", a exploração do corpo de tantas mulheres que, durante uma vida inteira de humilhações e maus tratos,

iletradas, subnutridas e submissas, pariram, certamente, na dor, dez, doze, vinte filhos? Graças a Deus, não se vivia numa sociedade hedonista!

O objetivo aqui não é fazer a apologia da revolução sexual. Nem tão-pouco afirmar que a vida é apenas sexo. Apenas que o sexo faz parte da vida de todo o ser humano, feio, bonito, velho ou novo. Que se negue a alguém esse direito, em nome de uma moral discutível, ou como condição extrema de um ideal de pureza, é negar o sentido pleno da existência humana.

Parece-me, pois, poder concluir que, afinal, o maior pecado da revolução sexual não foi nenhum dos anteriormente mencionados e sim o de ter permitido aos padres em particular e à sociedade em geral, questionar-se sobre uma exigência que viola os direitos dos seres humanos.

O celibato terá todos os méritos que quem por ele opta livremente, por vocação especial. Certamente o encontrará e poderá exaltar, desde que lhe seja possível optar. A simpatia, a piedade, o amor pelo próximo que cada ser humano possui no seu interior e deseja partilhar não dependem de uma escolha tão íntima e, por isso, necessariamente livre de imposições. É fundamental que se faça prática do que é tão aclamado na prédica, a que, no essencial, distingue o homem do resto da criação - o livre arbítrio. Deus é bem mais sensato que os homens.

Extraído de "Fraternizar"
Portugal

PROMOÇÃO PAPAI NOEL: NÃO PERCA



*O melhor presente de Natal
custa apenas 10 reais!*

Dê de presente uma assinatura de

fato
e razão

e seus amigos vão lembrar de você a cada 3 meses.

**Promoção: se você presentear
5 assinaturas, a sexta é gratuita!**

ASSINATURA PRATA - 4 NÚMEROS / ANO

E para completar a sua coleção ou dar de presente números avulsos, ao preço de um cartão de Natal, peça os que desejar e receba pelo correio: R\$ 2,50 cada exemplar.

(Números disponíveis da Coleção Fato e Razão: 16 a 35)

Faça o seu pedido por telefone ou carta à

Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059 - sala 1109

CEP 30160-922 Belo Horizonte - MG - Tel. (031) 273-8842

Cheque nominal ao Movimento Familiar Cristão ou reembolso postal.